



INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**A GESTÃO DA VIOLÊNCIA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS DINÂMICAS CRIMINAIS
EM DOIS TERRITÓRIOS**

THALIA MARQUES

Uberlândia

2019

Thalia Marques

**A GESTÃO DA VIOLÊNCIA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS DINÂMICAS CRIMINAIS
EM DOIS TERRITÓRIOS**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciada em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes.

Uberlândia

2019

**A GESTÃO DA VIOLÊNCIA NO TRIÂNGULO MINEIRO:
ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS DINÂMICAS CRIMINAIS
EM DOIS TERRITÓRIOS**

Thalia Marques

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciada em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes.

Banca examinadora:

Membro da Banca: Profa. Dra. Mariana M. P. Côrtes (presidente)

Membro da Banca: Profa. Dra. Claudia Swatowski

Membro da Banca: Prof. Dr. Antonio Carlos Petean

Data da Defesa: 17 de dezembro de 2019

Nota da Defesa: _____

Uberlândia

2019

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram presentes durante esta fase inicial da minha trajetória como pesquisadora e foram essenciais para a realização desta monografia.

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora Mariana Côrtes, que tem sido uma valiosa fonte de inspiração. Agradeço pelas nossas longas conversas e por sua paciência, dedicação e amizade. Por me ensinar que a paixão torna a atividade de pesquisa mais prazerosa. Obrigada por acreditar no meu desenvolvimento acadêmico e incentivar a realização desta pesquisa, levarei comigo para toda vida os aprendizados compartilhados nestes dois anos.

A todos os integrantes do Travessias - Núcleo de Pesquisas Urbanas, grupo que me acolheu e no qual me interessei pela pesquisa. Aos professores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, por terem contribuído de forma significativa na minha formação acadêmica. À 20ª turma de Ciências Sociais da UFU, salve geral.

À banca de defesa desta monografia, composta pela Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowski e pelo Prof.^o Dr.^o Antonio Carlos Lopes Petean, que de forma afetuosa, muito me apoiaram e me ensinaram no decorrer da graduação.

Às valiosas amigas que pude fazer no percurso da graduação: Amanda Ramos, Diane Teixeira, Gabriel Cunha, Kelly Cipriano (e à toda família Cipriano Brandão), Mayara Santiago e Pamela Caetano, obrigada pelas discussões sociológicas, encontros afetuosos, bares, desesperos e vitórias, os levarei para sempre comigo. Lara Carrijo e Letícia Alves, amigas araguarinas de longa data, agradeço por estarem presentes em mais esta caminhada. À Victoria Vellozo, que recebeu a alcunha de menina que mora comigo, agradeço por compartilhar inquietações acadêmicas, conquistas, palheiros e o cuidado de nossos pets Maurício e Vinícius, tenho muito orgulho do lar que formamos. Sem a família que construí com todos vocês, Uberlândia não teria me acolhido tão bem. Crescer dói, mas de mãos dadas é mais fácil.

Aos meus pais, Luciene e Antonio, por todo apoio, amor e incentivo tão necessários durante esses anos de graduação. Agradeço por terem orgulho da profissão que escolhi para a vida.

Muito obrigada a todos, seguimos juntos.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como tem se (re)configurado as dinâmicas criminais no interior mineiro, a partir de dois estudos de caso: o primeiro onde é possível observar a presença de grupos faccionais, sendo majoritariamente o Primeiro Comando da Capital (PCC), e o estudo de uma cidade onde não há evidências da presença de organizações faccionais, mas pôde-se perceber a presença de outros grupos que detêm o controle armado dos territórios. As duas cidades, localizadas no Triângulo Mineiro, estão geograficamente separadas por 30 km de distância, no entanto, em relação às configurações societárias a distância é bem mais expressiva. O segundo caso, com a banalidade do mal na repercussão midiática de homicídios, tem tecnologias de poder distintas do primeiro caso, que no “mundo do crime” realiza uma gestão dos conflitos interpessoais, por meio do mediador civilizacional do PCC e seus mecanismos próprios de estagnação ou produção de violência.

Palavras-chave: PCC; mundo do crime; Minas Gerais

ABSTRACT

The present work aimed to understand how the criminal dynamics have been (re)configured in the interior of Minas Gerais, based on two case studies: the first where it is possible to observe the presence of groups, being mainly the First Capital Command (Primeiro Comando da Capital - PCC), and the second one is a city that has no evidence of the presence of factional organizations, but can be seen other groups that have armed control of the territories. The two cities, located in Triangulo Mineiro, geographically 30 km away from each other, however, the distance in relation to the societal configurations is much more expressive. The second case, with the banality of evil in the media repercussion of homicides, has distinct power technologies from the first case that, in the “world of crime”, performs a management of interpersonal conflicts through the PCC civilizational mediator and their own mechanisms of stagnation or production of violence.

Keywords: PCC; world of crime; Minas Gerais

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. O “MUNDO DO CRIME” EM MINAS GERAIS | 8 |
| 2. O ESTUDO DE CASO DE UBERLÂNDIA-MG..... | 14 |
| O PCC COMO SIGNO DE DISTINÇÃO SOCIAL E CAPITAL SIMBÓLICO | 20 |
| O PCC, O PROCESSO CIVILIZADOR E A PACIFICAÇÃO SOCIAL | 22 |
| O PCC E A GESTÃO DA VIOLÊNCIA | 24 |
| O PCC E OS RUMORES | 27 |
| O PCC E A GESTÃO TERRITORIAL..... | 29 |
| 3. O ESTUDO DE CASO DE ARAGUARI-MG | 31 |
| GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E A AUSÊNCIA DE UM PROCESSO CIVILIZADOR..... | 34 |
| GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO SÃO TECNOLOGIAS DE GOVERNO? | 35 |
| GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO, BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA | 37 |
| GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E OS RUMORES | 39 |
| GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E A BANALIDADE DO MAL | 42 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 45 |
| ANEXOS | 46 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 53 |

1. O “MUNDO DO CRIME” EM MINAS GERAIS

*É que eu sou de lá, fi, onde querem quilates
E se mata por mina, de buceta ou de ouro
Se é que você me entende
Em qualquer beco do morro
Quem faz justiça não é Sérgio Moro, morô?
Será que eu sou só mais um negro fútil?
Já que pra salvar o mundo essas corrente é nada útil
Mas não posso ficar sozinho que bate a neurose
O sábio sobre a saúde do mundo diz que é só virose
O que adianta eu preto rico aqui em Belo Horizonte
Se meus iguais não podem ter o mesmo acesso à fonte?
Eu já fui ponte, agora só querem passar por cima
Algo te explica por que quando eu canto esquento o clima?
Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho
Corpos negros no trono, me sinto olhando o espelho
Que corpos negros, nunca mais se manchem de vermelho*
DJONGA¹

I

No imaginário social predomina a visão de que há uma unidade cultural no estado de Minas Gerais. Apesar deste imaginário, o que existe, na realidade, é uma significativa desigualdade econômica e social, além de uma grande diversidade cultural. Enquanto as regiões mineiras do Centro, Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro logram altos índices de desenvolvimento social e econômico, as demais regiões são acometidas por índices que, por vezes, ultrapassam a linha da pobreza.²

A notável desigualdade socioeconômica regional reflete nas diversas formas como se manifesta o fenômeno da criminalidade, bem como no modo de organização dos agentes criminais, na concentração ou ausência de determinados tipos de crimes por local e na conduta frente às ações das políticas estatais de segurança pública. Beato (1998) demonstra que a correlação estabelecida entre as localidades com altos índices de criminalidade e a condição econômica, não é a relação da pobreza produtora de

¹ Trecho da música FALCÃO do álbum “LADRÃO” de DJONGA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w7OyLgFzG1c>>. Acesso em 29 de nov. de 2019. Gustavo Pereira Marques, DJONGA, é um *rapper* mineiro de 25 anos, natural da cidade de Belo Horizonte.

² Ver Fahel, Leite e Teles (2014) para uma análise da pobreza multidimensional em Minas Gerais e as desigualdades entre as regiões centro-sul e norte-leste do referido estado.

crime, mas sim a da discrepância entre ricos e pobres, geradora de desigualdade social, que coloca a criminalidade como alternativa. Segundo a argumentação do autor, as regiões urbanas com maior prosperidade material são centros favoráveis à maior ocorrência de determinados tipos de crime, como furto, assalto e assalto à mão armada, visto que a prosperidade gera alvos viáveis e compensadores.

Quanto à organização dos agentes criminais no contexto mineiro, até meados de 2005, o cenário relatado na literatura era, majoritariamente, de disputas em torno do tráfico de drogas e armas e seus respectivos territórios de comercialização. Ou seja, tão importante quanto o mercado ilegal, era o território em que este estava estabelecido. Os agentes criminais, quando organizados coletivamente, o faziam em grupos ou *gangues* regionais. Estas *gangues* se constituem por grupos de jovens, do sexo masculino e provenientes de bairros periféricos, têm como drama central uma série de rivalidades violentas, principalmente de outras gerações, que se traduzem como vinganças contra indivíduos e grupos rivais.

A partir de 2005, as práticas de retaliações contra indivíduos pertencentes a *gangues* oponentes passaram paulatinamente a se modificar, principalmente nas penitenciárias. Essa reconfiguração no universo criminal mineiro se deve às primeiras movimentações do Primeiro Comando da Capital (PCC) em Minas Gerais,³ consequência da estratégia do governo paulista no início dos anos 2000, de transferir detentos considerados integrantes do PCC para outros estados, como Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, na tentativa de desarticular a facção. Esses primeiros movimentos de expansão, mesmo que não intencionais e planejados, foram instrumentalizados pelo discurso político formulado pela facção paulista, de união da massa carcerária e oposição às opressões sofridas no sistema prisional (MANSO & DIAS, 2018). Com a expansão da facção paulista para o contexto mineiro há, para além de uma heterogeneidade quanto ao desenvolvimento socioeconômico, também uma

³ Em 2005, durante um depoimento na CPI do Tráfico de Armas, José Márcio Felício Dos Santos, conhecido como Geleirão, fundador do PCC que após uma disputa interna foi expulso do grupo e jurado de morte, foi questionado pelos deputados da comissão em quais estados o PCC estaria presente. Ao ser perguntado especificamente sobre Minas Gerais, Geleirão responde: “Minas Gerais, têm alguns perdidos por lá, sim”. No ano seguinte foram inaugurados dois pavilhões específicos para o PCC na penitenciária de segurança máxima Nelson Hungria. A transcrição do depoimento de Geleirão na Comissão Parlamentar de Inquérito do Tráfico de Armas está disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/52-legislatura/cpiarmas/notas/nt170505.pdf>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

heterogeneidade nas configurações que o “mundo do crime” pode assumir nas diferentes regiões do estado, dentro e fora do sistema penitenciário.

Já no ano seguinte, em 2006, houve a inauguração de um pavilhão destinado exclusivamente a integrantes do PCC na penitenciária de segurança máxima Nelson Hungria, localizada em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).⁴ Neste caso, identificar os reclusos integrantes do PCC foi possível pois a administração penitenciária do estado prevê que, ao ingressarem no sistema prisional, manifestem se participam de alguma organização faccional, com a finalidade de evitar conflitos. Devido à demanda, nos anos seguintes se criou um segundo pavilhão exclusivo para a facção. A maioria dos reclusos transferidos para este pavilhão são oriundos dos municípios das regiões do sul de Minas Gerais (como Três Corações, Passos, Elói Mendes, Alfenas, São Sebastião do Paraíso e Itajubá), do Triângulo Mineiro (Uberlândia e Uberaba) e do Alto do Paranaíba (Patos de Minas e Patrocínio), ou ainda, de cidades interioranas do estado de São Paulo (especialmente Ribeirão Preto e São José dos Campos), após se identificarem – ou serem identificados pelos atores do sistema de justiça criminal – como integrantes do Primeiro Comando da Capital.

II

Apesar da existência de dois pavilhões exclusivos para reclusos pertencentes ao PCC em Belo Horizonte, diversos estudos apontam que a facção ainda não conseguiu chegar às ruas da cidade, devido principalmente à resistência de *ganguês* regionais que têm contido sua expansão na capital.⁵ Essa conservação de dinâmicas criminais específicas de *ganguês* na capital mineira é estudada por Rafael Rocha (2015), que ao estudar esses grupos, descreve suas características e formas de relação específicas, sendo elas: a forma de movimentar virtudes, como a lealdade, os valores e as justificativas morais fundamentais para a manutenção do grupo e os ataques e retaliações, que são mantidos por processos cíclicos de rivalidades violentas. Além disso, a questão territorial é essencial não apenas para o ingresso de novos integrantes, por

⁴ Para uma análise sobre os “pavilhões do PCC” na penitenciária Nelson Hungria, ver (Oliveira et. al., 2017). Os autores analisam o cotidiano prisional desde a instauração dos pavilhões, como são identificados os reclusos presentes neles e os limites do respeito à disciplina do Comando.

⁵ Estudos que vêm sendo desenvolvidos no Centro de Estudo de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em Belo Horizonte, têm sido significantes para a construção de um quadro analítico acerca do crime em Minas Gerais, principalmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RBMH).

meio da convivência no bairro de moradia, mas também por uma questão de honra a ser constantemente conquistada.

A questão principal explorada por Rocha (2015) é a das guerras travadas entre *gangues* rivais que, apesar de compartilharem os mesmos valores, quando julgados pela perspectiva do grupo rival, são consideradas erradas por defender estes valores de formas diferentes. Por exemplo, todos concordam sobre a importância da lealdade, mas desleal é sempre o outro, e, portanto, ambos os lados estão defendendo o que acreditam ser certo. Na maioria dos casos, essas disputas resultam em agressões e homicídios, nas quais há uma constante relação de desigualdade, onde um dos grupos estará sempre buscando vingar alguma injustiça sofrida.

Enquanto na capital mineira, o Primeiro Comando da Capital ainda não estava presente nas ruas, no interior, especialmente nas regiões do Triângulo Mineiro e Sul do estado, reportagens de jornal relatavam ações que supostamente envolviam membros da facção. Ações como rebeliões em prisões,⁶ queimas de ônibus,⁷ assassinatos de agentes penitenciários⁸ e, como resposta estatal, ações policiais contra pessoas identificadas como supostos integrantes do PCC. Apesar da repercussão midiática, o discurso do Secretário de Estado de Defesa Social de Minas Gerais (SEDS-MG) negava a presença da facção no estado, e mantinha o foco em políticas de repressão ao tráfico de drogas.⁹

Foi apenas no último ano, em junho de 2018, que a presença do PCC no interior de Minas Gerais se tornou mais conhecida, após uma série de ataques a ônibus e prédios públicos reivindicados pela facção, nas regiões do Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e

⁶ Ver “Detentos fazem motim em presídio”. Disponível em: <<http://j19minas.blogspot.com/2016/10/detentos-fazem-motim-em-presidio-de.html>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁷ Ver “PCC prepara ataques no Sul de Minas”. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/08/13/interna_gerais,793746/pcc-prepara-ataques-no-sul-de-minas.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁸ Nos anos de 2015 e 2016 três agentes penitenciários foram mortos nas cidades de Uberlândia e Uberaba supostamente a mando de integrantes do PCC. Ver “Suspeito de matar agente é preso e confessa crime em Uberlândia”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2017/03/suspeito-de-matar-agente-e-presos-e-confessa-crime-em-uberlandia.html>>, “Suspeitos de matar agente penitenciário em emboscada são presos”. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/suspeitos-de-matar-agente-penitenciario-em-emboscada-sao-presos/>> e “Segundo suspeito de envolvimento na morte de agente penitenciária é preso”. Disponível em: <<https://uberabapopular.com.br/2016/12/22/segundo-suspeito-de-envolvimento-na-morte-de-agente-penitenciaria-e-presos/>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁹ Ver declaração do Secretário de Defesa Social. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/02/29/interna_gerais,280654/crimes-violentos-cresceram-quase-11-em-minas-gerais-no-ano-passado.shtml>. Acesso em 21 de set. de 2019.

Sul do estado, em uma ofensiva que durou aproximadamente uma semana, com mais de cem casos de ataques.¹⁰ No mesmo ano, segundo o Atlas da Violência 2019 (CERGUEIRA et al., 2019), o estado de Minas Gerais apresentou uma taxa de homicídios de jovens inferior à cifra nacional – 44,2 homicídios para cada 100 mil jovens no país.¹¹ Historicamente, de acordo com o Atlas da Violência 2016 (CERGUEIRA et al., 2016), de 2010 a 2014 houve um aumento de 24,9% das taxas de homicídios e, de 2014 a 2016, apenas de 1,9% segundo o Atlas da Violência 2018 (CERGUEIRA et al., 2018). As possíveis causas de baixa nas taxas de homicídios serão discutidas nos próximos tópicos, ainda assim, os jovens do sexo masculino são, historicamente, as principais vítimas da violência no estado.

Até meados de 2005, o estado de Minas Gerais era visto como uma exceção pela literatura do “mundo do crime” que tiveram como foco a análise da dinâmica social das facções criminais. Neste sentido, a maior parte das pesquisas realizadas sobre o universo criminal em Minas Gerais se focava na capital do estado, Belo Horizonte, onde os estudos produzidos tiveram como foco a distribuição dos crimes violentos na região metropolitana de Belo Horizonte, assim como a dinâmica de guerras entre *gangues* regionais que se articulam em torno de uma cadeia de retaliações recíprocas (BEATO FILHO et al., 2001; ROCHA, 2015 e ZILLI, 2015). No entanto, na literatura das Ciências Sociais, muito pouco foi produzido acerca de como se configura o “mundo do crime” no interior do estado.

Ainda assim, é importante salientar que existem alguns estudos que se propuseram a analisar temas que perpassam a temática do “mundo do crime” no interior mineiro, com enfoque para a análise das políticas de segurança pública, tais como os programas específicos do estado: Fica Vivo! (Programa de Prevenção e Controle de Homicídios), PrEsp (Programa de Inclusão Social de Egressos do Sistema Prisional), Mediação de Conflitos e CEAPA (Central de Acompanhamento de Penas e Medidas Alternativas), como por exemplo, Márcia Santos e Julio Ramires (2009)¹² e Márcio

¹⁰ Ver “Cidades mineiras sofrem 101 ataques em cinco dias”. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/cidades-mineiras-sofrem-101-ataques-em-cinco-dias-1853510>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

¹¹ Os índices Atlas da Violência de 2016 a 2019 construídos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada estão disponíveis em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/downloads>>. Acesso em 12 de dez. de 2019.

¹² Márcia Santos e Julio Ramires (2009) demonstram como a percepção espacial da violência e a sensação de medo dos moradores de Uberlândia variam de acordo com os bairros da cidade.

Bonesso (2019)¹³. No entanto, ainda não temos produção científica específica sobre a presença de organizações faccionais no interior de Minas Gerais.

Considerando essa lacuna na literatura acerca do “mundo do crime”, este trabalho se propõe a realizar, nos próximos tópicos, um levantamento e análise do universo criminal no interior mineiro e as dinâmicas que emergem dele neste contexto. A partir do estudo de caso de duas cidades e suas respectivas dinâmicas criminais, levanta-se a questão de como é possível duas cidades geograficamente tão próximas, separadas por apenas 37 km, tenham configurações societárias, dentro do universo criminal, completamente distintas.

¹³ Márcio Bonesso (2019), além de fazer uma reconstrução histórica da cidade de Uberlândia e da criminalidade, demonstra como a vinculação dos programas de segurança pública do estado de Minas Gerais, quando relacionados à arte e ao esporte, podem contribuir para a contenção de homicídios e crimes violentos.

2. O ESTUDO DE CASO DE UBERLÂNDIA-MG

*Eu vim de onde o sofrimento bate na sua porta
Onde uma mãe solteira sozinha com cinco filho
Onde um pai drogado vira exemplo pro mais velho
E o mais velho revoltado sem pensar vira bandido
Onde a polícia invade e ninguém sabe o que fazer
Onde o pobre morre sem poder se defender
Onde o preto sofre pelo abuso de poder
Oprimido por uma farda e a porra de uma PT
Sou brasileiro mesmo não desisto de lutar
Já fui ladrão mas hoje em dia faço diferente
Troquei minha munição de arma em tinta de caneta
E quando eu entro pra atirar melhor 'cê nem ficar na frente
Não vim pra agradar, eu vim pra fazer ao contrário
Vim pra desagradar a mente de MC otário
Não to pra falar bem ou pra criticar seu sonho
Eu vim pra fazer diferente, só conquistar meu espaço
Pretos no topo
Uberlândia que tá na cena
Só cabuloso
Uberlândia que tá na cena
Viini Ds¹⁴*

I

A cidade de Uberlândia está localizada no interior de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro. Apesar de seu processo de urbanização tardio, quando comparado à outras cidades próximas, como Uberaba (a 100 km de distância) e Araguari (a 30 km de distância), Uberlândia atinge um desenvolvimento socioeconômico superior. Durante o século XIX e início do século XX, Uberaba e Araguari foram consideradas cidades de referência nas trocas inter-regionais e intra-regional, abastecendo cidades de Minas Gerais e de estados vizinhos. Já em meados do século XX, Uberlândia as ultrapassa, dobrando seu contingente demográfico e econômico (BONESSO, 2019). Atualmente, Uberlândia possui a segunda maior população de Minas Gerais, com um contingente populacional de aproximadamente 690 mil habitantes.

¹⁴ Trecho da música *Pretos no Topo* (prod. BlueBloodTeam, 2018), do rapper uberlandense Viini Ds. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lUTxfXsBrSI>>. Acesso em 24 de nov. de 2019.

O progressivo crescimento demográfico e urbano da cidade fez com que ela se consolidasse como o principal polo econômico e comercial da região, recebendo um grande fluxo migracional e se mantendo como cidade referência para migração até os dias atuais, tendo como principais motivos: a institucionalização federal do ensino superior na cidade, a expansão do trabalho na área de serviços e a popularidade dos assentamentos.¹⁵ Recentemente, foi eleita em primeiro lugar no ranking de “melhores grandes cidades para se viver no estado de Minas Gerais”, de acordo com estudo da empresa de consultoria Macroplan.¹⁶ Para construção deste ranking, a Macroplan analisou os indicadores sociais de saúde, segurança, saneamento, sustentabilidade, educação e cultura.

No Brasil, a especulação imobiliária iniciada no século XX provocou a expulsão das pessoas que viviam às margens da sociedade para habitarem as franjas da cidade, que em várias cidades eram e ainda são constituídas por morros, como por exemplo, São Paulo, Manaus, Belém, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. Em Uberlândia, ao repelir as populações menos abastadas para as franjas, os conduzem, geralmente, para áreas rurais que posteriormente são integradas ao perímetro urbano, com grandes lacunas entre o local de moradia e o centro da cidade. Na cidade, há grandes vazios urbanos entre os bairros periféricos e a área central, formando um quadro de urbanização dispersa na cidade.

De acordo com Márcio Bonesso (2019), por a cidade possuir uma disposição plana, todos os bairros periféricos têm a possibilidade de livre circulação de pessoas e automóveis, permitindo que o patrulhamento policial seja realizado de forma simples e frequente, visto que não há a necessidade de veículos especiais para o acesso destas localidades. Ainda assim, quanto a distribuição dos crimes, a cidade segue o padrão da maioria das cidades brasileiras: os índices de crimes como furtos, roubos e extorsão

¹⁵ Ver, por exemplo, “Não podemos esquecer que o bairro Élisson Pietro é a ocupação do Glória”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/12/26/artigo-or-nao-podemos-esquecer-que-o-bairro-elisson-prieto-e-a-ocupacao-do-gloria/>>, “Liminar determina reintegração de posse em ocupação de Uberlândia”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/12/liminar-determina-reintegracao-de-posse-em-ocupacao-de-uberlandia.html>> e “À espera do Maná”. Disponível em: <https://medium.com/@analuizacosta_83606/o-assentamento-man%C3%A1-%C3%A9-uma-ocupa%C3%A7%C3%A3o-urbana-que-surgiu-em-2013-a-%C3%A1rea-fica-na-regi%C3%A3o-leste-de-uberl-91abac006f1d>. Acesso em 24 de nov. de 2019.

¹⁶ Ver “Uberlândia é a melhor grande cidade de Minas Gerais para se viver”. Disponível em: <http://www.curtamais.com.br/uberlandia/uberlandia-e-a-melhor-grande-cidade-de-minas-gerais-para-viver?fbclid=IwAR2oa4g9h4k9vGnoBYRZNFHMMuK_OczkQu0_BDI8r1rZ73IeowjAsLPULI>. Acesso em 24 de nov. de 2019.

estão associados majoritariamente à área central da cidade, enquanto as taxas de crimes como homicídios estão associadas aos bairros periféricos.¹⁷

A proximidade de Uberlândia com os estados de Goiás e São Paulo a tornam um importante ponto de articulação comercial interestadual. Por este mesmo motivo ela também se torna uma cidade importante para o fluxo nacional do tráfico de armas e drogas. De acordo com o quadro analítico construído por Santos (2012), o uso e o tráfico de drogas em Uberlândia, no período de 1999 a 2010, estava disperso por vários bairros da cidade, diferente do quadro de crimes violentos e de homicídios, que estavam divididos em duas regiões específicas: centro e periferia, respectivamente. Segundo os dados do quadro construído pela autora, os homicídios estavam concentrados majoritariamente em bairros periféricos, os assaltos majoritariamente na área central e o tráfico de drogas disperso por toda a cidade. Mesmo assim, a mídia local reforça o imaginário social de que o uso e tráfico de drogas está associado a bairros pobres e periféricos, assim como a associação automática feita entre homicídios e tráfico de drogas.¹⁸ Ou seja, apesar do estudo indicar a dispersão destes crimes na cidade, a mídia alimenta o imaginário social de que determinadas localidades são lócus de violência e criminalidade, favorecendo a criação de estigmas sobre os moradores de determinados bairros e produzindo exclusão social.

Esse imaginário social produz a falsa associação entre pobreza e crime, geradora de uma expectativa social de que o sujeito oriundo das periferias, tido como o “outro”, fará intencionalmente mal a alguém em algum momento, como uma espécie de retaliação geral, pelas suas condições, às classes mais abastadas. Assim se dá a criação do sujeito “criminoso”: a combinação do estigma, no sentido de Goffman (1963), com a evitação social deste sujeito, baseado no perigo potencial que seus rótulos carregam, por meio do atributo desacreditador sobre os indivíduos residentes de periferias urbanas. Para Michel Misse (2010), este processo de contenção dos indivíduos que têm

¹⁷ Na tese de doutorado de Márcia Santos (2012) há uma análise ecológica da criminalidade violenta na cidade de Uberlândia. A autora realiza um trabalho minucioso, com gráficos e esquemas descritivos, sobre a disposição espacial de crimes violentos na cidade, no período de 1999 a 2010.

¹⁸ Ver, por exemplo, “Quadrilha investigada por tráfico de drogas é presa em Uberlândia”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/11/22/quadrilha-investigada-por-trafico-de-drogas-e-presa-em-uberlandia.ghtml>> e “Quadrilha é presa por tráfico, roubo e receptação no bairro Tocantins”. Disponível em: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/22623/-quadrilha-e-presa-por-trafico-roubo-e-receptacao-no-bairro-tocantins>> e, por fim, “PM prende jovens com 71 buchas de maconha no bairro São Jorge”. Disponível em: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/22172/pm-prende-jovens-com-71-buchas-de-maconha-no-bairro-sao-jorge-em-uberlandia>>. Acesso em 24 de nov. de 2019

involuntariamente inscritos no corpo a criminalidade, passa a construir, de fato, um sujeito criminoso. Este processo ocorre por meio da estigmatização que faz com que os próprios sujeitos, objetos do estigma, se subjetivem como criminosos, passando a crer que esta premissa é verdadeira. Dessa forma, o que importa não é o ato do crime em si, sabendo-se que o sujeito é percebido como criminoso antes mesmo que haja o ato.

II

Diversos estudos apontam a concentração da vitimização sob a população jovem brasileira. De acordo com o Atlas da Violência 2019 (CERQUEIRA et al., 2019), cerca de 53% do total de óbitos de homens entre 15 a 29 anos no Brasil são ocasionados por homicídios. Frente a essa realidade de maior vitimização da juventude e do quadro geral de intenso aumento da criminalidade mineira no final da década de 1990, foram elaboradas, no ano de 2002, pela então Secretaria de Estado de Defesa Social do Estado de Minas Gerais (SEDS-MG), políticas de prevenção à criminalidade, estruturadas ao redor de quatro programas: o Programa de Controle de Homicídios (Fica Vivo!), com foco no atendimento de jovens de 12 a 24 anos, moradores dos bairros mais violentos do estado; a Central de Acompanhamento de Penas e Medidas Alternativas (CEAPA), que tem como objetivo monitorar e acompanhar a execução das penas alternativas; o Programa Mediação de Conflitos, que oferece orientação jurídica, ações de articulação e fomento à organização em comunidade e o Programa de Inclusão Social de Egressos do Sistema Prisional (PrEsp), que trabalha com pessoas que sofreram processos de privação de liberdade.

Os programas estaduais de prevenção à criminalidade foram formulados, inicialmente, para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e, posteriormente, transportados para outras cidades mineiras. No final de 2005, a Prefeitura de Uberlândia, em conjunto com a SEDS-MG e o Instituto Elo, realizou uma série de estudos na cidade com a finalidade de classificar as áreas de risco que receberiam os Centros de Prevenção à Criminalidade (CPCs). A partir disso, foram escolhidos o Setor Leste da cidade, com sede no bairro Morumbi, criada em 2005, e o Setor Norte, com uma segunda unidade criada em 2014, situada no bairro Jardim Canaã. Assim, os quatro programas (Fica Vivo!, PrEsp, CEAPA e Mediação de Conflitos) passaram a atuar de forma integrada no controle de conflitos violentos no município. Márcio Bonesso (2019) analisa as oficinas de arte e esporte em Uberlândia, estratégias de atuação do programa Fica Vivo!

e seus impactos nas localidades atendidas, assim como a gestão das políticas de segurança pública e o controle da criminalidade na cidade.

De acordo com entrevistas realizadas com os analistas sociais do programa Fica Vivo! do bairro Jardim Canaã, os homicídios no bairro, em números absolutos, realmente se transformaram após a implementação dos programas estaduais: passando de 35 homicídios no bairro durante o ano de 2005, para apenas 2 homicídios em 2018.¹⁹ A grande maioria dos bairros de Uberlândia também seguem o mesmo padrão de baixa nos números absolutos de homicídios, o que sugere que esses resultados não provêm exclusivamente da implantação dos programas na cidade. Como um todo, houve uma queda de quase 50% nos homicídios da cidade.²⁰

No ano de 2005, a principal facção paulista, o Primeiro Comando da Capital, realizava suas primeiras movimentações em Minas Gerais com, como disse Geleirão, um dos líderes do Comando à época, no mesmo ano: “tem uns [membros da facção] perdidos por lá”.²¹ Desde sua fundação, o PCC dispõe de um Estatuto com orientações e interdições a serem seguidas pelos seus membros, bem como em locais que a facção é hegemônica.²² Uma dessas interdições²³ é a ocorrência de mortes consideradas banais, existindo, para deliberar se deve ou não ocorrer a morte como punição, o mecanismo de debates.²⁴ Os debates são uma ferramenta de orientação para questões que dizem respeito ao “mundo do crime” ou a questões transversais ao “mundo do crime”, desde que possa vir a afetar diretamente a vida de algum *irmão*²⁵.

Dessa forma, o Comando passou a regular quais tipos de violência e contra quem estas podem ser perpetradas nas penitenciárias e bairros periféricos de São Paulo e,

¹⁹ Entrevista realizada em 28 de março de 2019.

²⁰ Ver “Homicídios caem quase 50% em Uberlândia”. Disponível em: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/19302/homicidios-caem-quase-50-em-uberlandia>>. Acesso em 24 de nov. de 2019.

²¹ Transcrição da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do tráfico de armas. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/52-legislatura/cpiarmas/notas/nt170505.pdf>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

²² O Estatuto completo do PCC foi disponibilizado pelo Ministério Público de São Paulo e é facilmente encontrado em uma breve pesquisa exploratória na *web*. O Estatuto do PCC consultado nesta pesquisa está presente no dossiê especial “PCC” da revista Caros Amigos (2006).

²³ Outras interdições do PCC são a impedição do uso de crack nas penitenciárias, proibição de estupros, extorsões no interior do “mundo do crime” e exposição de armas nas ruas, para que não sejam vistas por crianças e mulheres, com exceção para períodos de “guerra” dentro do universo criminal.

²⁴ Também conhecido na mídia como “tribunal do crime”. Ver “Documentos comprovam como funcionam os tribunais do PCC” Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/kbe9de/pcc-tribunal-do-crime> e “Tribunal do crime: chefes do PCC acompanham em tempo real assassinatos pelo país”. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/20/tribunal-do-crime-chefes-do-pcc-acompanham-em-tempo-real-assassinatos-pelo-pais.htm>>. Acesso em 26 de set. de 2019.

²⁵ São chamados de *irmãos* os membros batizados do Primeiro Comando da Capital.

com sua expansão, em penitenciárias e ruas de vários estados do Brasil. Isto significa dizer que é provável que o sucesso dos programas citados, apesar de significativos para o estado e para Uberlândia, não são os únicos responsáveis pela queda das taxas de homicídios na cidade. Apesar de haver indícios da presença do PCC na região e na cidade desde o ano de 2005,²⁶ a SEDS-MG seguia negando a expansão da facção para as fronteiras mineiras e mantinha o foco em políticas de repressão ao tráfico de drogas, vigentes há mais de quinze anos, argumentando que a disputa entre os comerciantes de drogas fossem a principal causa da violência do estado.²⁷

Foi apenas no último ano, em junho de 2018, que a presença do PCC no interior de Minas Gerais se tornou mais conhecida para quem não tinha contato com as dinâmicas criminais. Por aproximadamente uma semana, a atenção da população mineira foi voltada para acompanhar o noticiário, que narrava a ofensiva da facção paulista no estado, em uma série de ataques a ônibus e prédios públicos nas regiões do Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Sul do estado.²⁸

²⁶ Diversas reportagens das regiões do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba relatam rebeliões, queimas de ônibus e ações contra agentes penitenciários e policiais com a suposta autoria de integrantes do Comando. Nos anos de 2015 e 2016 três agentes penitenciários foram mortos nas cidades de Uberlândia e Uberaba supostamente a mando de integrantes do PCC. Ver “Suspeito de matar agente é preso e confessa crime em Uberlândia”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2017/03/suspeito-de-matar-agente-e-preso-e-confessa-crime-em-uberlandia.html>>, “Suspeitos de matar agente penitenciário em emboscada são presos”. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/suspeitos-de-matar-agente-penitenciario-em-emboscada-sao-presos/>> e “Segundo suspeito de envolvimento na morte de agente penitenciária é preso”. Disponível em: <<https://uberabapopular.com.br/2016/12/22/segundo-suspeito-de-envolvimento-na-morte-de-agente-penitenciaria-e-preso/>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

²⁷ Ver “Crimes violentos cresceram quase 11% em Minas Gerais no ano passado”. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/02/29/interna_gerais,280654/crimes-violentos-cresceram-quase-11-em-minas-gerais-no-ano-passado.shtml> e “Após 7 anos, violência volta a crescer em Minas Gerais”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/28731-apos-7-anos-violencia-volta-a-crescer-em-mg.shtml>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

²⁸ Ver “Cidades mineiras sofrem 101 ataques em cinco dias”. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/cidades-mineiras-sofrem-101-ataques-em-cinco-dias-1.1853510>>. Acesso em 21 de set. de 2019.

O PCC COMO SIGNO DE DISTINÇÃO SOCIAL E CAPITAL SIMBÓLICO

Os rumores de entrada do Primeiro Comando da Capital em Uberlândia produziram e foram produzidos por elementos que o introduzia, pouco a pouco, no cotidiano da cidade. A maior parte destes rumores foram nutridos por escrituras afirmando a presença do Comando na cidade, além de jovens com tatuagens de escritos “P.C.C.”, “15.3.3”,²⁹ figuras como de palhaços e caveiras desfigurados³⁰ ou ainda símbolos yin e yang,³¹ um dos maiores símbolos da facção. Essas tatuagens, na maioria das vezes, são realizadas através de cortes feitos diretos na pele, com lâmina de barbear e caneta esferográfica.

Alguns exemplos de escrituras na cidade:



Imagem 1: Escola Estadual Hilda Leão Carneiro, bairro Morumbi - Uberlândia (MG)

Legenda: 1533 PCC

²⁹ Os números indicam a posição das letras P.C.C. no alfabeto.

³⁰ A tatuagem de palhaço atua como signo urbano que identifica quem as possui, dentro do crime, como associado a roubos e envolvimento com mortes de policiais. O palhaço, quando junto com a imagem de caveira, representa o homicídio consumado de policial.

³¹ O yin e yang é um símbolo da filosofia chinesa que representa o estabelecimento de um equilíbrio, com sabedoria, entre o bem e o mal. Ele é muito utilizado pelo PCC, que em alguns contextos pode ser identificado apenas pelo símbolo. O ideal levantado pela facção se assemelha a essa filosofia chinesa, nos termos da facção: guerra contra o sistema para obtenção da paz entre os *irmãos*, isto é, fazer o mal tendo como finalidade o bem, ou ainda, fazer o “certo na vida errada”.



Imagem 2: Rua Joaquim Cordeiro, bairro Vigilato Pereira – Uberlândia (MG)

Legenda: Viaduto do Gama 1533

O conceito de campo, criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1989), se refere a um espaço de posições, que só podem ser definidas quando relacionadas a outras. O campo é ao mesmo tempo espaço de disputas e enfrentamentos, e espaço de concordâncias e cumplicidades sobre seu funcionamento. Cada campo social possui um capital simbólico de acordo com suas especificidades, que só faz sentido no interior dele, ou seja, o capital simbólico tem é reconhecido apenas por quem está dentro do mesmo campo (BARROS FILHO, 2002). No interior do campo social “mundo do crime”, o Primeiro Comando da Capital teria uma posição de distinção social, ao expor seus diferenciais e estabelecer suas regras, normas de conduta e interdições, que são resultado da aceitação tácita de seus membros. Nesse sentido, ser do Comando, para quem está inserido nas dinâmicas criminais, significa ser portador de um capital simbólico.

Mano Brown, integrante do grupo de *rap* Racionais MC's, em entrevista ao *Le Monde Diplomatique* Brasil, quando perguntado sobre a atuação da facção paulista, responde: “o cara te dá família, te dá proteção, te dá honra, te dá motivo pra viver”³² (BROWN, 2018). A fala do *rapper* demonstra que, conhecendo as regras do jogo (a situação ambígua de enfrentamento e defesa dentro do campo social), para além de estabelecer normas de conduta e interdições, o PCC também fornece prerrogativas aos que participam de sua família.

³² Ver entrevista completa “Mano Brown, um sobrevivente no inferno”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYQ>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

Para além das escrituras na cidade, segundo entrevista realizada com um gestor do programa Fica Vivo!, hoje atuando como advogado da área penal na cidade,³³ em 2010, os jovens uberlandenses começaram a se tatuar com signos do PCC mesmo sem o batismo na respectiva facção.³⁴ No universo criminal, reivindicar pertencer a uma facção pode carregar uma posição de *status* social. Contudo, é preciso bancar este prestígio, pois poderá ter uma *cobrança*³⁵ caso esse pertencimento seja falso. Como narrado pelo entrevistado, os jovens que marcaram em seus corpos os signos da facção, mas foram considerados “falsos-profetas”, ou seja, não reconhecidos como pertencentes a ela, quando passaram pela primeira institucionalização do sistema prisional (as medidas socioeducativas de ressocialização ou o sistema penitenciário), sofreram retaliações de membros da facção.

A distinção social só é possível dentro da lógica intrínseca aos gostos e preferências culturais, em seguida submetida à lógica interna de cada campo social, tomado numa relação simbólica (BORDIEU, 2007). Assim, o conceito de distinção social proposto pelo autor pressupõe a existência de uma hierarquização das posições dentro do próprio campo. Transportando este conceito para o campo do “mundo do crime” descrito, quando um jovem reivindica o pertencimento ao PCC, carregando um poder simbólico de diferenciação quanto aos demais, essa conduta se contrapõe, por princípio, a um dos ideais norteadores da facção: a descentralização e a coletividade proposta pela ética máxima de “paz entre os ladrões”.

O PCC, O PROCESSO CIVILIZADOR E A PACIFICAÇÃO SOCIAL

Um dos valores primordiais do Comando é o de “paz entre os ladrões [e guerra contra o sistema]”, e podemos compreender o porquê da centralidade deste valor, no discurso da Irmandade, ao analisarmos seu contexto de surgimento. O PCC nasce após o Massacre do Carandiru, ocorrido em 2 de outubro de 1992, operação policial que resultou na execução sumária de 111 reclusos da Casa de Detenção de São Paulo, a então maior casa de detenção do estado. A operação policial visava conter uma rebelião que estava reivindicando o cumprimento dos direitos do encarcerado. O assassinato massivo foi o limite para as violências que os reclusos vinham suportando e, simultaneamente, o

³³ Entrevista realizada no dia 28 de março de 2019.

³⁴ Alguém que diz ser *irmão*, mas não é batizado nem reconhecido por outros *irmãos* como tal, é chamado de “falso profeta”, como observado no campo da pesquisa de Karina Biondi (2018).

³⁵ Na linguagem do “mundo do crime”, ser cobrado se refere às consequências que podem ser exigidas do indivíduo que tenha uma conduta irregular.

marco de início de uma nova forma de organização da população encarcerada contra as violências do sistema penitenciário paulista. Assim, a emergência do PCC aparecia como uma forma de gestão da violência no interior do “mundo do crime”, se opondo diretamente às políticas de segurança pública formuladas pelo estado até o momento, enquanto demandavam uma reivindicação legislativa: o cumprimento da Lei de Execuções Penais³⁶ (BIONDI, 2010).

A organização da sociedade por meio da monopolização legítima da violência pelo Estado e do ordenamento jurídico moderno são fruto de um processo de mudança histórica, pautada no processo civilizador e no processo de racionalização das ordens sociais e culturais. Em *O Processo Civilizador - Volume 1*, Norbert Elias (1994) descreve a criação de um novo modelo de personalidade dos indivíduos, produzido pelo processo de mudança da mentalidade e do comportamento humano, empreendido pelo projeto civilizatório.

Essa modelação da personalidade dos indivíduos pelo processo civilizador deve-se, para além do princípio de racionalização do pensamento, a uma demanda por maior autocontrole consciente, ininterrupto e automático dos indivíduos, assim como uma vigilância do próximo, com a finalidade de preservar a posição social de cada um (ELIAS, 1994, p. 228). É apenas por meio da interdependência dos integrantes de um determinado grupo, do abrandamento dos contrastes das condutas individuais e da exclusão da violência física que se pode estabelecer uma pacificação social (ELIAS, 1993, p. 203). Ou seja, a dependência mútua e a competição por prestígio social dentro de um grupo são geradores de uma relação não pacífica, porque seria pautada por disputas constantes.

É justamente por meio da perspectiva de pacificação social que podemos perceber como, em termos diferentes, o PCC consegue realizar a união e solidariedade do grupo faccional, gerando coesão entre seus integrantes contra um inimigo comum: o Estado. A reação contra a opressão estatal, a violação de direitos e o cometimento de abusos por meio de coações físicas e morais de autoridades jurídicas, penitenciárias e

³⁶ A Lei de Execução Penal, de nº 7.210, 11 de Julho de 1984, trata sobre o direito dos reclusos nas penitenciárias do Brasil de serem reintegrados à sociedade, por meio de assistência material, social, de saúde, jurídica, religiosa e educacional quando egresso. O objetivo, as formas de aplicação e as disposições da lei estão disponíveis em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm>. Acesso em 29 de nov. de 2019

policiais permeia a consciência presente no discurso político que produz a harmonia pacificadora das dinâmicas criminais no interior do Primeiro Comando da Capital.

O PCC E A GESTÃO DA VIOLÊNCIA

Em seus primeiros anos, o lema do Primeiro Comando da Capital era “Liberdade, Justiça e Paz”,³⁷ permanecendo até meados de 2002. Com a expulsão de Geleirão e Cesinha da liderança, em novembro de 2002 (os únicos da “primeira geração” do Comando que ainda estavam vivos na época), e a consequente ascensão de Marcola à posição de líder, houve a adição do ideal de Igualdade ao lema do PCC, circunstância em que deixa de ser uma organização criminal hierárquica (BIONDI, 2010). Assim, Marcola,³⁸ a despeito de assumir a posição de liderança, logo inicia o projeto de deixar de ser um chefe nos moldes mafiosos. E, com o sucesso de seu projeto de horizontalização da facção, passa a ser apenas mais um integrante, bem como todos os *irmãos*.

A nova configuração do Comando tem o novo pilar da Igualdade, que modifica seu funcionamento. Agora, nenhum *irmão* é superior a outro, independentemente da posição que esteja ocupando na facção naquele momento. Justamente por isso, as posições dentro do PCC são transitórias e o poder nelas contido é pulverizado. Assim, mesmo quando os *irmãos* recebem ou buscam um aval das torres, essa ação não é vista como hierárquica, mas como humilde,³⁹ por buscar um consenso, reforçando o ideal de Igualdade. O constante compartilhamento de informações entre integrantes da facção, por meio das torres e sintonias⁴⁰ tem o objetivo de evitar formações hierárquicas. Em meados de 2016, houve também a inclusão do termo União ao lema do Comando, se transformando em “Paz, Justiça, Liberdade, Igualdade e União”.⁴¹

³⁷ Ou seja, o inverso do lema (Paz, Justiça e Liberdade (P.J.L.)) da facção Comando Vermelho, do Rio de Janeiro.

³⁸ Marcos Willians Herbas Camacho, conhecido como Marcola, é considerado pelo estado de São Paulo como a principal liderança do PCC atualmente.

³⁹ A humildade neste caso se assemelha à noção cristã de humildade, isto é, de renúncia de si, e é um valor primordial que os *irmãos* devem possuir.

⁴⁰ O PCC tem diversas “sintonias”, que são cúpulas de deliberação da facção. A Sintonia Geral Final é a sua cúpula máxima, a partir disso tem-se a Sintonia Geral dos Estados e as Sintonias por estados. As informações – chamados de *salves* – passam por elas até chegar nos *irmãos* de cada quebrada ou tranca.

⁴¹ Apesar dos registros mencionarem a inclusão do termo “União” a partir de 2016, já em 2014 o *funkeiro* MC Menor do Chapa, do Rio de Janeiro cantava “Paz, Justiça, Liberdade, Lealdade e União”, na música Facção Jesus Cristo. Na música, ele pede que cesse a guerra entre facções cariocas, pois são todos irmãos perante a Facção Jesus Cristo. Ver “MC Menor do Chapa & MC Mazinho - Facção Jesus Cristo”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bHqbnjsyvGo>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

As injustiças presentes no sistema burocrático-legal têm sido vivenciadas com mais intensidade pelas camadas pobres da população brasileira. É nesta conjuntura que o PCC se apresenta como uma possibilidade política de regulação dos conflitos experienciados nas periferias e bairros pobres do país, principalmente no contexto em que o Estado se apresenta como um dos principais violadores de direitos, com a justificativa de manter a ordem democrática. O Comando passa a desempenhar uma função de complementação à política estatal na gestão de conflitos urbanos. Dessa forma, os moradores de bairros em que a facção está presente realizam cálculos mentais para decidir quem deverá ser acionado em cada situação (BIONDI, 2018).

A nova estrutura descentralizada da facção, descrita por Gabriel Feltran (2018) como um mando sem chefia, é uma grande inovação no “mundo do crime”, sobretudo no universo faccional. Para fazer essa estrutura funcionar, é acionado pela facção o mecanismo de debates, instrumento que por meio da busca por ouvir as distintas versões existentes sobre um determinado caso, levado enquanto demanda para os integrantes responsáveis por conduzir o julgamento, se estabelece se deve ou não haver punição. Caso sim, é estabelecido também a forma justa como essa punição deve ocorrer, para os *irmãos* ou *primos*,⁴² de acordo com a visão do que é o “certo” a se fazer.⁴³ O PCC não criou a ética de definir o que é “certo” ou “errado” para mediar as relações e dinâmicas criminais nas ruas e penitenciárias, denominada de “proceder”, mas a atualiza de acordo com suas normas de conduta.

Essa sistematização do *proceder* em torno de regras de comportamento e de punição para os desviantes, conforme a gravidade do desvio, está previsto no Estatuto do PCC e é seguido pelos *irmãos* não como uma obrigação, mas enquanto parte dos valores sociais que compartilham. Assim, o mecanismo de debates cumpre com ao menos duas funções: punir desvios de conduta dentro do universo criminal e romper com o ciclo de retaliações e assassinios considerados banais, que configurava um quadro de guerras generalizado, como descrito por Bruno Manso (2005), ao analisar o cenário das periferias paulistas nos anos 1990, uma era pré-PCC.

⁴² São chamados de *primos* indivíduos que “correm com o Comando” ou “vestem a camisa”, isto é, não foram batizados e portanto não são *irmãos*, mas acatam as normas de conduta da facção.

⁴³ De acordo com a literatura sobre o PCC, as punições transitam entre pagar uma quantia ao caixa da facção, levar um “corretivo”, isto é, levar uma surra de outros irmãos para que não se repita o erro e, em último caso, morte (BIONDI, 2018; FELTRAN, 2018; MANSO e DIAS, 2018).

Michel Foucault (2008b) ao estudar as sociedades ocidentais modernas, no século XVIII, observa o nascimento de uma nova racionalidade governamental. Essa nova racionalidade não é individualizante, como no caso da disciplina, que “fabrica indivíduos” por meio da prescrição de um sistema de recompensas e punições, com o objetivo de domesticação do corpo individual. Já a nova racionalidade governamental, fruto do liberalismo nascente, que Foucault denomina de “dispositivos de segurança”, não pretende reformar os indivíduos, mas sim operar nas variáveis presentes no meio da ação destes. Esse processo se radicaliza quando o sentido do *homo oeconomicus* se transforma da sua caracterização original como “parceiro da troca” do liberalismo clássico para a definição emergente de “sujeito empresarial” do neoliberalismo. Na economia clássica, o *homo oeconomicus* realizava cálculos mentais para desempenhar ou não tal ação, de acordo com suas vantagens e desvantagens, já no neoliberalismo, para além disso, o *homo oeconomicus* é um empreendedor de si mesmo. No segundo caso, há o estabelecimento de uma relação do indivíduo ser seu próprio capital, sua própria fonte de rendimentos, seu próprio produtor (FOUCAULT, 2008a). Este sujeito investe em si mesmo e, assim, produz sua própria satisfação. Satisfação que além de conduzir o indivíduo, também deve ser orientada para multiplicá-la cada vez mais, sendo uma busca incessante da própria satisfação.

Nesse sentido, a gestão da violência atua enquanto dispositivo⁴⁴ de segurança que, sem proibir nem prescrever diretamente mas, ainda assim, dando alguns instrumentos de proibição e de prescrição nos interstícios da ação individual, consegue fazer com que os indivíduos respondam à realidade de uma determinada maneira. De modo que ela possa ser anulada, freada ou regulada. Em síntese, a gestão da violência pelo PCC pode ocorrer de duas formas: 1) pelo cumprimento disciplinar do “proceder” esperado de *irmãos* e do consentimento ativo nas periferias em que a facção está, o que implica no acionamento de dispositivos punitivos inerentes à regulação do “proceder”, inscritos nos territórios do Comando e no ideal de conduta que cada *irmão* carrega consigo; 2) pelo dispositivo de administração da população de membros da facção, que leva em conta um conjunto complexo de variáveis, como as modalidades do mercado de drogas ilícitas e outras formas de atividades criminais, bem como as “fronteiras de tensão” (FELTRAN, 2011) entre o PCC e sua relação com a multiplicidade de agentes

⁴⁴ No livro *Microfísica do Poder*, Michel Foucault define “dispositivo” como sendo um agrupamento heterogêneo de discursos, decisões regulamentares, edificações, instituições e leis.

envolvidos nos regimes de governo das periferias, como políticos institucionais, policiais militares, militantes dos movimentos sociais, pastores evangélicos, além, é claro, da atuação dos próprios integrantes da facção, encarados como sujeitos econômicos empenhados na capitalização de si mesmos e dos próprios negócios.

Da mesma forma como observado em São Paulo, o resultado mais explícito da regulação da violência pelo PCC em outros estados tem sido a interdição de mortes banais, ou seja, a proibição de que assassinatos ocorram sem passar pelo mecanismo de debates e tido seu aval, como descrito acima. No caso paulista, o resultado dessa interdição foi a queda de mais de 70% dos homicídios da cidade.⁴⁵ No Triângulo Mineiro, os números da série histórica apontam para a mesma direção. Na cidade de Uberlândia, as taxas de homicídios caíram significativamente, em quase 50%, entre o período de meados de 2010 ao final de 2018.⁴⁶ Além dos indicadores, pode-se perceber a queda considerável de homicídios, ameaças e retaliações, tanto por meio de entrevistas realizadas com dois últimos gestores dos CPCs de Uberlândia, quanto por meio de rumores coletados em entrevistas e conversas informais realizadas nos bairros e ocupações urbanas da cidade, com moradores, lideranças religiosas e militantes de movimentos de luta por moradia urbana.

O PCC E OS RUMORES

A presença do Primeiro Comando da Capital no estado de Minas Gerais foi anunciada pela mídia apenas no último ano. No entanto, os rumores de sua entrada no Triângulo Mineiro, principalmente em regiões de entreposto comercial como Uberlândia e Uberaba, já estavam sendo compartilhados cotidianamente há algum tempo. De acordo com o último gestor dos Centros de Prevenção à Criminalidade (CPCs) de Uberlândia,⁴⁷ um dos rumores mais amplamente disseminado sobre a facção durante o ano de 2010 e, em alguma medida, até os dias atuais, é de que uma família de migrantes de Catanduva, cidade do interior paulista, teria trago consigo os ideais do Comando e se inserido no tráfico da cidade, após se estabelecer no bairro Morumbi. Segundo o rumor, este teria

⁴⁵ Ver “SP registra taxa de 8,73 homicídios por 100 mil habitantes, a menor taxa desde 2001”. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/sp-registra-taxa-de-873-homicidios-por-100-mil-habitantes-a-menor-desde-2001/>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

⁴⁶ Ver, por exemplo, “Homicídios caem quase 50% em Uberlândia”. Disponível em: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/19302/homicidios-caem-quase-50-em-uberlandia>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

⁴⁷ Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2018.

sido a primeira entrada do PCC nas ruas da cidade. A região do bairro também é um importante entreposto comercial, formado em torno da rede rodoviária da cidade.

Em entrevista, um advogado criminalista e ex-oficineiro do Fica Vivo! na cidade, descreve que, também em 2010, havia uma segunda categoria de rumores circulando: de que a facção paulista teria realizado sua entrada nas ruas da cidade pelo bairro São Jorge.⁴⁸ Com uma narrativa similar ao rumor anterior, neste caso, a entrada da nova dinâmica criminal teria ocorrido por meio da transferência de agentes penitenciários que se mudaram de São Paulo para o bairro, trazendo consigo os ideais da facção. Ainda, ele conta que foi possível perceber uma reorganização do crime uberlandense entre os anos de 2011 e 2012. Outro rumor circulante é de que o PCC teria realizado sua entrada pelo sistema prisional, a Penitenciária Professor João Pimenta da Veiga e o Presídio Professor Jacy de Assis e, após, seguido para as ruas da cidade. Estes rumores foram reproduzidos em maior escala ao serem transmitidos também pela imprensa local, apesar de nenhuma reportagem apontar provas concretas desta primeira forma de entrada da facção.⁴⁹

Um rumor também pode ser propagado por meio de gírias e brincadeiras. De acordo com os rumores, ao se referir à “amarelinha do Dom”, “amarelinha do Morumbi” ou “amarelinha” com o nome de algum bairro da cidade, estaria se referindo às drogas provenientes de bairros em que a facção exerceria tabelamento do narcotráfico. Recebem essa denominação pois são embaladas em papéletes amarelos ou com elásticos da mesma cor. Assim, ao falar da “amarelinha” de tal bairro, estaria se falando que este bairro é “do PCC”. No caso do bairro Dom Almir, há inclusive um *funk* sobre a “amarelinha do Dom”, produzido em 2017, época em que os “bailes” do bairro ocorriam com frequência. Contudo, com a prisão de quatro jovens que, segundo a imprensa, estavam inseridos no tráfico do bairro Dom Almir e supostamente com a produção e veiculação do *funk*, a música foi retirada da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*.⁵⁰

⁴⁸ Entrevista realizada em 12 de abril de 2019.

⁴⁹ Ver, por exemplo, “PCC expande seu domínio em Minas Gerais e acumula regalias”. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/hotsites/presos-no-sistema/pcc-expande-dominio-em-minas-e-acumula-regalias-1.1424145>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

⁵⁰ Ver “Quatro são presos com as “amarelinhas do Dom””. Disponível em: <<http://v9vitoriosa.com.br/policia/quatro-sao-presos-com-as-amarelinhas-do-dom-421-papelotes-de-cocaina-maconha-e-r-16-mil/>>. Acesso em 27 de nov. de 2019

No labirinto metodológico em que o PCC se situa, pesquisá-lo, assim como suas formas de atuação, sobretudo em um estado que não é o de origem da facção, requer o uso de técnicas criativas. Sabendo-se que o Comando é um objeto de pesquisa que não se dá a conhecer e, partindo do entendimento de que não há uma verdade a ser desvelada sobre a facção, a metodologia que trabalha com rumores ofereceu um panorama proveitoso para o mapeamento de sua atuação no interior mineiro. Isto posto, é importante ressaltar que este trabalho não teve por objetivo trazer à tona informações secretas sobre a facção, mas sim, lançar luz e analisar rumores circulantes no cotidiano da cidade.

O PCC E A GESTÃO TERRITORIAL

Em 2017, os rumores de entrada se desdobravam para rumores acerca da presença e atuação da facção em Uberlândia. Estes rumores giravam, principalmente, em torno do controle de terras e terrenos realizado por supostos *irmãos*. Segundo o que circulava, embora houvesse vários terrenos vazios e casas prontas em bairros novos e ocupações e da cidade, a lista de espera para moradia seguia parada, pois os terrenos e casas livres estavam aguardando a soltura de *irmãos*, reclusos na penitenciária da cidade. Além disso, os empreendedores criminais de terras estariam inseridos no mercado local de vendas e aluguéis.

O rumor de que a facção paulista estaria realizando um controle territorial por meio da gestão das terras e terrenos da área urbana da cidade continua sendo amplamente difundido até os dias atuais. A “gestão territorial” seria realizada pela apropriação de terrenos em novos bairros e ocupações da cidade, mediante negociação monetária, acordo implícito ou, ainda, por meio de coerção e intimidação. A pesquisa de campo realizada na cidade tem mostrado que a estratégia utilizada pelos empreendedores criminais do mercado de terras é de se estabelecer no local antes da consolidação de associações de moradores, serviços de saneamento básico, saúde e lazer. Considerando a literatura levantada, a gestão territorial nos moldes descritos acima aparece como uma novidade quanto à atuação da facção (BIONDI 2010, 2018; DIAS 2011; FELTRAN 2011, 2018; MANSO & DIAS 2018).

A gestão territorial não ocorre pelo controle homogêneo de um determinado território, o que acontece, na realidade, é uma gestão conjunta entre o crime, o Estado, as lideranças de bairro e as lideranças religiosas. O Estado para o fornecimento de

condições básicas de vida, como saúde, saneamento básico, educação e, no caso das ocupações, as negociações e reivindicações jurídicas para sua regularização, as lideranças religiosas fornecem para além da ajuda material, um projeto de salvação de uma vida indigna. A questão dos conflitos interpessoais é hoje (co)gerida nas periferias pelo Estado, pelo “mundo do crime” e pelo pentecostalismo. Segundo o argumento defendido por Gabriel Feltran (2014), os regimes normativos – compostos por Estado, crime e religião – estariam sempre em conflito por reivindicar posições morais distintas e contrárias, contudo, encontram coesão na relação monetária que estabelecem entre si.

A escolha desta segunda categoria de rumores, em meio a diversos rumores que foram e têm sido proliferados no cotidiano da cidade, deu-se de acordo com a sua repercussão e capacidade de formar novos rumores. A análise de rumores enquanto metodologia permite compreender sua capacidade de criar realidades e de que forma algumas pautas passam a fazer parte das preocupações, anseios ou medos de um grupo.⁵¹ Independentemente da posição que se parte o rumor, é necessário pontuar que se estão sendo transmitidos, é porque se trata de um assunto significativo para a vida daquela população em um momento específico. Acompanhar os rumores em ordem cronológica e perceber como eles se deslocam no tempo e espaço, adquirindo vida própria e gerando novos rumores, permite perceber como e em qual sentido os problemas do município se transformaram.

As diferentes frações de rumores circulantes operaram neste trabalho como um caleidoscópio, no qual a cada movimento, formam-se combinações variadas de desenhos simétricos, sempre diferentes. A cada categoria de rumores tem-se a construção, multiplicação e modificação das perspectivas de como o PCC possa estar atuando na cidade. Assim, a busca por rumores não teve a finalidade de encontrar a “verdade” sobre o facção, mas sim de realizar, a partir da junção de diferentes rumores, provenientes de interlocutores em distintas posições, a construção de um panorama do que tem sido construído no imaginário popular sobre sua presença e atuação no Triângulo Mineiro.

⁵¹ Veena Das (2008) descreve o processo de transformação de rumores em realidades ao analisar os rumores em torno do assassinato de Indira Gandhi. No caso estudado pela autora, a circulação de imagens de ódio e um discurso negativo contra os militantes *sij*s se traduziram em atos de violência reais.

3. O ESTUDO DE CASO DE ARAGUARI-MG

*São trilhas de guerra!
Onde o inimigo de longe, não erra
E viram trincheiras, as ruas de terra
Pra além das baixas, pro meu povo sobra miséria!
Então paga pra ver, sempre é real terra
Triste é quem não acreditar
Me perco um pouco mais aqui nos olhos dela
Pois acabando a noite ela não vai voltar...
Por vários motivos essa fita
Eu ter que me provar o tempo todo me irrita
Tem dias que eu queria um pouco mais de sossego
Outros caberiam um par de uzis israelitas
Minha massa cinzenta, nessa visão preta
Eu afasto meu demônio produzindo outra letra
Tô me desdobrando, quase como um origami
E mesmo assim eu vejo, escorrer ódio da caneta!
Eu vim do limite, superando crise
E aqui -20 é a temperatura do sangue
Sempre com swing no bang
Sim até me faço presente, mas meu coração tá distante
Esse coração já foi grande, hoje eu vou te impedir de entrar
Eu sei que sou pequeno, mas me sinto gigante
E eu vi que "só por hoje" pode até funcionar
E ainda tem dias que eu quero apagar
Tem dias que o acaso ofusca seus olhos
Se é ruim perder, pensa sem lutar
E às vezes revejo aqueles velórios
Nós somos inglórios, nós somos bastardos
DLXD⁵²*

I

A cidade de Araguari está localizada no interior de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, e possui uma população aproximada de 110 mil habitantes, da qual 94% é urbana.⁵³ Desde o ano de 2010, as taxas de homicídios na cidade vêm crescendo paulatinamente, enquanto as taxas de outros crimes violentos, como roubo, extorsões, estupros e crimes contra o patrimônio privado, em grande parte, têm diminuído, de acordo com levantamento realizado pela SEDS-MG.⁵⁴ Estes dados demonstram que Araguari apresenta uma tendência contrária ao panorama exposto no capítulo anterior,

⁵² Trecho da música "Só por hoje", do rapper DLXD, nome artístico de Fábio Henrique, natural da cidade de Araguari. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CR8ojgY116U>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

⁵³ Ver indicadores municipais de Araguari, levantados em 2014, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 30 de nov. de 2019.

⁵⁴ Todos os índices consultados, desde o ano de 2011, estão disponíveis no site da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

da cidade vizinha mais próxima, Uberlândia, da qual recebe grande influência em áreas como saúde, educação e trabalho.

Se a presença do PCC em Uberlândia pôde ser atestada por uma série histórica de dados quantitativos, como a queda das taxas de homicídios e, qualitativos, como os rumores provenientes do trabalho de campo, o mesmo não pode ser dito sobre o caso araguarino. O fato de Araguari estar indo na contramão da redução de homicídios verificada nas cidades vizinhas em que há rumores e reportagens da presença da facção, parece ser um indicador importante para pensarmos a ausência de uma presença significativa do PCC na cidade.

Tabela 1 - Homicídios consumados nos últimos oito anos, em três municípios do Triângulo Mineiro - MG, taxa/100 mil habitantes

| | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Araguari | 16,22 | 14,79 | 19,03 | 19,78 | 12,83 | 24,69 | 19,71 |
| Uberaba | 13,88 | 7,61 | 14,74 | 21,42 | 15,37 | 12,79 | 8,78 |
| Uberlândia | 27,44 | 23,2 | 19,09 | 17,51 | 13,14 | 15,37 | 9,07 |

Fonte: Elaboração própria, com dados coletados da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP) de Minas Gerais.⁵⁵

Em Araguari, parece ter ocorrido um grande desentendimento em 2017, que resultou em altas taxas de homicídios, sendo estendidas até os dias atuais. Já nas outras duas cidades do Triângulo Mineiro, as taxas sugerem que houve uma transição para o mecanismo de debates da facção, havendo a proibição de mortes banais e mantendo limitados homicídios. De forma mais ampla, o estudo comparativo entre as cidades pode trazer contribuições importantes sobre como se (re)configuraram as dinâmicas criminais nessas localidades, levando em consideração suas particularidades.

Dada a falta de literatura sobre Araguari na produção científica das Ciências Sociais, acompanhada de uma expressiva deficiência na produção de dados de segurança da cidade, nesta parte do trabalho realizarei uma investigação sobre sua configuração criminal com base nas informações disponíveis. Como recorte empírico houve uma

⁵⁵ Ver "Registo de Defesa Social - REDS". Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/dados-abertos>>. Acesso em 29 de nov. de 2019.

pesquisa exploratória na página “WebTV Araguari”, jornal local hospedado na rede social *Facebook* e, paralelamente, análise da circulação de vídeos e imagens com ameaças de homicídios, circulados pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*.

II

A cidade mantém um nível elevado de homicídios para seu índice populacional, e quando comparada à sua mesorregião (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Registrou 29 casos de homicídios consumados e 24 casos de tentativas de homicídios em 2017, 22 casos de homicídios consumados em 2018, com um padrão que vem se repetindo em 2019, contando com 20 homicídios consumados apenas no primeiro semestre do ano.⁵⁶ Neste ano, a cidade foi eleita a mais violenta do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba,⁵⁷ com taxa proporcional de homicídios de 30,9 por 100 mil habitantes, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A configuração do crime local se baseia principalmente por cadeias de vendeta, principalmente entre atores criminais locais, além de ser configurada também, mas em menor escala, por furtos de veículos e assaltos à mão armada. Praticamente todas as cenas de homicídios dos últimos três anos seguem o mesmo padrão de ocorrência: dois indivíduos transeuntes, em uma motocicleta de cor preta passam pelo local onde a vítima se encontra e, ao avistá-la, efetuam disparos com arma de fogo. Apesar de seguir o mesmo padrão de realização dos homicídios, não há um padrão para o horário que ocorrem.⁵⁸ Após a provável execução da vítima, os autores da tentativa de homicídio saem em disparado pelas ruas da cidade e não são mais vistos.

Dessa forma, defino os homicídios e a forma como vêm ocorrendo em Araguari como fruto de grupos que detêm o controle armado do território. Serão chamados nos próximos tópicos de “grupos de justiça”, no entanto, não é o objetivo deste trabalho desvendar a identidade dos autores dos homicídios, apenas analisar o fenômeno que está exposto e em voga na cidade hoje. Independente disso, é possível

⁵⁶ Ver “Número de homicídios em Araguari já iguala a total do ano passado”. Disponível em : <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/10/02/numero-de-homicidios-em-araguari-ja-igual-a-total-do-ano-passado.ghtml>>. Acesso em 30 de nov. de 2019

⁵⁷ Ver “Araguari tem a maior taxa de homicídio do Triângulo e Alto Paranaíba, diz Ipea”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/08/06/araguari-tem-a-maior-taxa-de-homicidio-do-triangulo-e-alto-paranaiba-diz-ipea.ghtml>>. Acesso em 30 de nov. de 2019.

⁵⁸ É possível conferir no mapeamento disponibilizado em anexo 1.

observar, a partir dos rumores em torno dos homicídios,⁵⁹ que a configuração dos grupos objetiva realizar *cobranças* quanto ao não cumprimento de normas do universo criminal, agindo como defensores de valores requeridos pela ética criminal.

Configuração análoga aos grupos de justiça descritos aqui é observado no trabalho de Bruno Manso (2005), que descreve o cenário experienciado em vários bairros das periferias paulistas até a década de 1990 como o de *guerras* generalizadas entre grupos – uma dinâmica de ciclos de vinganças e retaliações violentas com resultado altamente letal, sobretudo para a juventude dessas localidades. No livro *O Homem X*, os assassinos realizavam inúmeras mortes, muitas vezes mais de 30 pessoas, que haviam tido condutas irregulares no crime. O autor descreve essa configuração como anterior à chegada do PCC na capital paulista, que ao chegar realiza uma regulação da ordem local e, conseqüentemente, desses homicídios. Os resultados podem ser observados 10 anos depois, com a diminuição em mais de 70% das taxas de homicídios no estado.

GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E A AUSÊNCIA DE UM PROCESSO CIVILIZADOR

O processo civilizador produz um indivíduo que se autocontrola constantemente e tem como efeito a pacificação social, conforme descrito anteriormente. Segundo o projeto instituído pelo processo civilizatório, o indivíduo seria protegido contra possíveis ataques físicos e, ao mesmo tempo, forçado a reprimir seus impulsos e paixões em prol da ordem social vigente. Assim, ao mesmo tempo que o indivíduo passa a ser protegido, ele é também reprimido.

De acordo com Norbert Elias (1993), o enraizamento da violência nas diversas camadas da sociedade e sua incorporação na subjetividade dos indivíduos seriam cada vez mais aprofundadas conforme o monopólio legítimo da violência não estivesse assegurado pelo Estado. Nesse sentido, à medida que o nível de manutenção da violência pelo Estado diminui, a domesticação e o orgulho advindos do autocontrole do processo civilizatório são rompidos.

Seguindo essa lógica de pensamento, ocorre no contexto araguarino o reverso do processo civilizatório, descrito por Norbert Elias em *O Processo Civilizador - Volume 1*. Seu reverso, neste caso, é a emergência do quadro generalizado de crimes de sangue, cometidos no espaço público da cidade, empreendidos por uma força de ordem privada.

⁵⁹ Ver mapeamento disponibilizado em anexo 1.

Contudo, este quadro não indica um descontrole nos conflitos criminais, pelo contrário, visto que, só se mata pessoas específicas que por algum motivo, dentre os valores reivindicados pelo crime, pagam as consequências de algum desvio com a própria vida, de forma involuntária. Como são “bandidos” e não “trabalhadores”, familiares e amigos não têm poder para vocalizar sua perda, afinal, a vitimização de seu ente querido é produto de um conflito do qual não estão inscritos.

A configuração societária no interior do “mundo do crime” araguarino estaria representando o reverso do processo civilizatório, empreendido por grupos faccionais nas penitenciárias e quebradas da maior parte do país, como descrito anteriormente. Especialmente do PCC, após a exportação de seus ideais de lealdade e união dentro do “mundo do crime” para o território nacional e internacional.

GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO SÃO TECNOLOGIAS DE GOVERNO?

Na obra *Segurança, território, população*, Michel Foucault (2008b) apresenta o conceito de poder como sendo um conjunto de sanções, estratégias e cálculos que aparecem no momento de uma determinada relação, desencadeando novas posições, estratégias e cálculos. Nesse sentido, o poder é o que, na relação entre indivíduos ou grupos, é utilizado para justificar uma determinada ação. A ação, para o autor, é um conjunto de verdades, materializadas por meio de sua realização dentro de uma categoria analítica, na qual a circulação de ações é essencial para o funcionamento da categoria. No emaranhado de ações, restringir ou proibir possui a capacidade de produzir novas ações e não de limitá-las. Assim, o poder deve ser pensado enquanto ação. As “tecnologias de poder” são o que movimenta a ação e produzem a prática, regulando as condutas dos indivíduos. Apesar de atuar regulando condutas, as tecnologias de poder não são estruturas rígidas, elas se modificam constantemente de acordo com a ação de numerosos fatores (FOUCAULT, 2008b: 161).

Neste trabalho, com base em uma episteme das formas de governo, Michel Foucault (2008b) investiga a ideia moderna de *governamentalidade*⁶⁰ realizada pelas instituições religiosas e políticas, a partir de seus modos de produção de subjetivação, que tem como produto a criação de sujeitos reflexivos. O PCC, por meio de suas interdições, regras e normas de conduta estabelecidas para permanência de *irmãos* na

⁶⁰ Governamentalidade, termo elaborado em *Segurança, território, população*, diz respeito ao fenômeno da “arte de governar”, característica das configurações de governo contemporâneos, é consequência da problemática geral de como conduzir a conduta do outro.

facção, realiza um governo de seus integrantes por meio da elaboração de discursos de luta, inimigos em comum e manutenção da sobrevivência,⁶¹ enquanto, simultaneamente produz um governo de si, ou seja, um cuidado e uma autogestão constante para com a própria vida e suas ações. A garantia de seu “proceder” e, conseqüentemente, a garantia da própria vida é de responsabilidade individual. Então, caso algum indivíduo seja *coibrado*, a responsabilidade é exclusivamente dele que não se adaptou.

Assim, cabe à tecnologia de governo a constituição de um poder que tenha como finalidade a construção de uma ética pautada na sobrevivência fisiológica dos indivíduos. Essa constituição de poder é denominada por Foucault de *biopoder*, que parte da premissa de “fazer viver” ou “deixar morrer”, em outras palavras, a capacidade de sobrevivência – mesmo que mínima – da população (do maior número de pessoas, estatisticamente falando) é mais importante do que a qualidade dessa vida. Além disso, no biopoder há sempre espaço para a morte, pois é necessário que haja o sacrifício de uma parcela da população, preferencialmente dos excluídos e não adaptados, de modo que essa morte não interfira quantitativamente no todo. Relacionando este conceito ao funcionamento do PCC, a responsabilidade pela manutenção da própria vida está no indivíduo, assim como a sua forma de morte, dado que as conseqüências de uma atitude desviante do proceder correto e sua respectiva forma de punição será decidida pelo mecanismo de debates, de acordo com a gravidade do desvio.

Já na composição dos grupos da cidade de Araguari, a gramática de funcionamento do poder transcorre através do uso excessivo da violência, sem critérios para manutenção da conduta, da sobrevivência ou da vida e, por correspondência, da morte, como estabelecido no Comando. As tecnologias de governo se referem sempre à condução de condutas, ou seja, à circulação de ações na relação entre indivíduos, e não a um território específico. Assim, na ausência de tecnologias que visam a condução da conduta dos indivíduos, pode-se dizer que o poder, em um contexto gerido por grupos com conformação análoga aos de justicamento, se realiza exclusivamente pela violência. Esse poder determina quais serão as próximas vítimas que farão parte do “aviso prévio” para sofrer as seguintes execuções da cidade. Os critérios que determinam as próximas vítimas da cidade são justificados em torno de irregularidades no crime: serem talaricos,

⁶¹ Em entrevista ao UOL, o *rapper* Dexter, que ficou 13 anos na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru) e testemunhou o surgimento do PCC narra que “o PCC tá preservando o bem maior que o ser humano tem, que é a vida” (DEXTER, 2013). Ver “ENTREVISTA – Rapper “DEXTER” Fala Sobre o P.C.C.”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ZlYLhxXkMg>>. Acesso em 06 de dez. de 2019

X9 ou, ainda, dívidas com o tráfico. No entanto, a interpretação de quem se adequa a essas regras provêm de um campo indeterminado, por vezes fluído, que depende da “moral” que o sujeito tem no universo criminal, permitindo que se abra espaço para uma arbitrariedade do julgamento.

Considerando o conceito de governamentalidade elaborado por Michel Foucault (2008b), a ausência de uma produção de reconhecimento de governo, aliada à sua consequente falta de legitimidade, demonstram que a forma de poder amparado apenas pela violência não pode realizar sua própria manutenção. Visto que o poder é algo que precisa funcionar mediante sua circulação, ele não se sustenta a longo prazo apenas pelo uso da violência. Logo, a força física não é suficiente para realizar a manutenção do poder, pois para ser mantido demanda uma troca com as duas partes envolvidas e de consentimento ativo, para fazer sentido e ser legítimo para aquela parcela da população. Justamente por isso, esses grupos são lidos como conformações criminais perenes.

GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO, BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA

O filósofo italiano Giorgio Agamben (2007) desenvolve, a partir da noção de biopoder foucaultiana, uma análise sobre a vida nua concomitante à formação do Estado de exceção moderno, a partir dos termos gregos *bios* e *zoé*. Na língua grega, existem dois termos para se referir à vida: a *zoé*, se referindo a um sentido biológico, uma vida regida pelas forças da natureza, e *bios*, a um sentido mais filosófico e existencial, de um ser humano constituído historicamente. A partir destes conceitos, o autor investiga como é realizada a gestão moderna da vida biológica dos corpos, ou seja, da *zoé*, por meio de uma gestão da vida e da morte.

A biopolítica, conceito elaborado por Michel Foucault (2008a), é uma tecnologia de poder que coloca como prerrogativa central a gestão da vida natural de uma determinada população, isto é, uma modalidade de governo que toma como objeto de gerenciamento as variáveis biológicas de uma população, como nascimento, fecundidade, morbidade, mortalidade. O conceito é recuperado por Giorgio Agamben (2007), no entanto, para este autor, a biopolítica está no próprio aparelho jurídico do Estado moderno, uma vez que os direitos civis dos cidadãos, fundamento da legitimidade da democracia moderna, estão assentados na premissa do direito à vida, compreendida como natureza pura, substrato biológico absoluto. Isto é, a gestão moderna da vida e da morte é realizada a partir da vida biológica dos corpos, de forma

que a *zoé* (vida natural) ganha centralidade em detrimento da *bios* (vida politicamente qualificada).

Dessa maneira, as tecnologias da biopolítica produzem a prática e a movimentação de uma ação, assim, pode-se dizer que ela é a forma pela qual o biopoder se manifesta. Os grupos de Araguari realizam essa mesma formação de discursos, tomados como verdadeiros por meio da disseminação de características morais tidas como inaceitáveis no “mundo do crime” da cidade, recortando, por meio de cesuras biopolíticas, aqueles que merecem morrer: os *homo sacer*, sujeitos matáveis e insacrificáveis (AGAMBEN, 2007).

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) relaciona os conceitos de biopoder (de Michel Foucault) e de estado de exceção e estado de sítio (ambos de Giorgio Agamben) para verificar em quais configurações de soberania o foco principal é “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2018:125). Apesar de sua influência foucaultiana, Mbembe (2018) argumenta, ao final de seu ensaio, que o conceito de biopoder é insuficiente para analisar as configurações contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte, estabelecido pela necropolítica, conceito proposto por ele.

No ensaio, o autor descreve como a economia do biopoder se relaciona com as relações de inimizade, de modo que a existência do outro passa a representar uma ameaça mortal, cuja única solução é a sua eliminação biofísica. A eliminação do perigo absoluto, que é a existência de outro ser humano, reforça o potencial de vida e de segurança de outrem. Em seguida, o autor expõe que a política é o trabalho da morte, enquanto a soberania é o direito de matar. Já a necropolítica refere-se ao poder da morte, que reconfigura as relações de resistência, sacrifício e terror no mundo moderno. Assim, a expressão máxima da soberania é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, em outras palavras, quem importa e quem não importa.

As noções de necropolítica e necropoder desenvolvidas por Mbembe (2018) contribuem para a compreensão de como as relações de inimizade vivenciadas em Araguari encontram na eliminação do inimigo a sua solução, e como a política da morte, prescrita principalmente pelo uso de armas de fogo, fazem parte de uma tecnologia de matar. Além disso, novas e únicas formas de existência social são abertas a partir da configuração de submissão da vida, de determinadas pessoas, à política da morte estabelecida na cidade.

GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E OS RUMORES

“Lamentável.

Infelizmente, o mundo do crime às vezes surpreende de forma indesejável, essa é a verdade.

Lamentável”⁶²

“Eu o conhecia já, bastante, a gente deu vários conselhos mas não acatou os conselhos e o mundo do crime acaba cobrando e cobra caro”⁶³

Desde que a alta das taxas de homicídios na cidade de Araguari se tornou uma constante e, mais recentemente, com a repercussão midiática dos crimes por meio do jornal *online* WebTV Araguari,⁶⁴ o fenômeno passou a fazer parte do cotidiano dos cidadãos, assim como de seu entretenimento. Apesar de terem repercussão midiática e receberem atenção da população quando ocorrem, ao serem transportados do momento extraordinário para o momento ordinário, os acontecimentos não recebem a mesma atenção, e não têm o mesmo engajamento na produção de rumores sobre as suas possíveis causas, afinal, já estão integralizados na vida cotidiana (DAS, 2010).

O jornal *online* surge em meados de 2017, como uma alternativa à imprensa local, que à época era muito pautada na rádio. Como novidade, traziam a promessa de uma informação imparcial. No início, o WebTV Araguari contava com apenas um jornalista em frente às câmeras, João Carlos. Ainda que ele permaneça sendo o principal apresentador dos casos ao vivo, sobretudo de homicídios, atualmente o jornal conta com outros jornalistas e redatores para os *posts* no *Facebook*. Além disso, a página de notícias passou a ter como patrocinadores várias lojas e estabelecimentos locais, que divulgam vagas de empregos, realizam sorteios e transmissões ao vivo de seus produtos, como contrapartida, todas as postagens estão carregadas diversos logotipos. Mesmo com sua ascensão, o jornal afirma manter o foco em denunciar as mazelas da cidade, por exemplo, a falta de saneamento básico e iluminação em alguns bairros ou os homicídios, basta que os moradores os acionem.⁶⁵

⁶² “#18º homicídio Jovem é baleado no São Sebastião”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/live/?v=931732453836342>>. Acesso em 06 de dez. de 2019.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ WebTV Araguari é um jornal *online*, hospedado como página na rede social *Facebook*. Ver “WebTV Araguari”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=1610126979224618>>. Acesso em 06 de dez. de 2019.

⁶⁵ Para ver os *posts* carregados com logotipos ou o mecanismo de acionamento do jornal, ver anexo 2, imagem 1.

Os rumores circularam inicialmente nas conversas do cotidiano da cidade e por vídeos supostamente feitos e assinados pelos próprios integrantes dos grupos compostos pelos autores dos homicídios. Esses vídeos foram difundidos pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, em grupos locais. Nos dois vídeos analisados neste trabalho, a temática é a mesma: apesar de serem vídeos anunciando as próximas pessoas a serem executadas como forma de *cobrança*, eles têm como música de fundo um *rap* melancólico, que narra a perda de um irmão do “mundo do crime”.

O primeiro vídeo se inicia com um fundo preto, anunciando em escritos brancos seu título: “vídeo aos futuros finados de Araguari” e a assinatura: “matador”.⁶⁶ Em seguida, a imagem de baixa qualidade de um cemitério repleto de flores e o escrito “finados”. O vídeo de menos de dois minutos segue com várias imagens – fotos dos próximos “finados de Araguari”, coletadas das redes sociais. Mais de vinte pessoas têm as fotos expostas no vídeo, recebendo o aviso prévio de seu assassinato. Durante todo o vídeo há um *rap* lento ao fundo, cuja letra lamenta a morte de um irmão.⁶⁷ Já o segundo

⁶⁶ Ver em anexo 3, imagem 2 e imagem 3, respectivamente.

⁶⁷ Trecho da música reproduzida no vídeo: “*Aí Neguinho, vou sentir saudade de você*”

A malandragem na quebrada nunca vai te esquecer

E Deus perdoe os humildes de bom coração

A vida ensina: De que vale o crime, irmão?

Aí Neguinho, vou sentir saudade de você

A malandragem na quebrada nunca vai te esquecer

E Deus perdoe os humildes de bom coração

A vida ensina: De que vale o crime, irmão?

Quem não se lembra do Neguinho da favela

Que quis morrer na batalha, do que viver numa cela

Ao longe vejo um cortejo, hoje é dia do enterro

Em sua homenagem é que agora eu escrevo

As lágrimas rolam molhando todo o papel

Ao relembrar sua vida e o seu destino cruel

Será que meu Deus do céu perdoou seus pecados?

Tomara que Jesus Cristo não pegue muito pesado

Respeitado na quebrada pelo seu jeito de ser

Sorriso sempre aberto, sem deixar transparecer

Sua preocupação com a sua família

Pra não deixar nada faltar pra velha Dona Maria

A cachaçada de domingo já era de lei

Dreia, Coca, dominó e os 3 kg de acém

Juntava a rapaziada na caixa amplificadora

Rolava rap nacional, Um Homem na Estrada

Sem emprego, sem medo, mas assim ele vivia

Um 3 janelas na cinta só pra fazer correria

Tatuagem nos braços, a pele escura, é sem chance

Na 4ª série um bom salário é um sonho distante

Se meteu numa fita com os camaradas da área”

Música “Enterro do Neguinho” do grupo de *rap* Atitude Feminina. Disponível em:

<<https://youtu.be/ojYIs34QIs>>. Acesso em 12 de dez. de 2019.

vídeo analisado, possui como capa *emojis* de fantasma, caveira e dedo médio, com o título “Os Pilantra De Araguari”.⁶⁸ A narrativa é a mesma: anuncia os próximos a serem mortos, com fotos coletadas das redes sociais das possíveis vítimas e *emojis* de caveira em volta delas. Ao fundo, um *funk* que também tem como tema a lamentação da perda de um parceiro, descrevendo como o mundo que vivemos é cruel.⁶⁹

Há um descompasso entre a música utilizada nos vídeos e a violência que eles carregam, a música lamenta a morte de um irmão e os escritos expressam a ameaça de sua morte. Para Slavoj Zizek, “o cínico vive da discordância entre os princípios proclamados e a prática” (ZIZEK *apud* VIANA, 2012, p. 19), ou seja, o indivíduo sabe que o que está fazendo é atroz, mas ainda assim realiza a ação. Nesse sentido, o autor do vídeo ao mesmo tempo que anuncia a potencial realização de um assassinato, ele o lamenta.

A maior incompatibilidade entre o conteúdo exposto pelo vídeo – o anúncio do assassinato das pessoas que tiveram suas fotos ali colocadas – é o da música de fundo, que descreve a morte de um parceiro, e não de um rival. Além disso, lamenta uma morte que já aconteceu e por ela sofre. Não acredito que seja por falta de opções, afinal em letras de *rap* produzidas por *rappers* da cidade, fala-se em “eliminar talarico” e semelhantes,⁷⁰ além das músicas de *rap* com o mesmo tema disponíveis no Brasil. Por essa razão, a escolha realizada pelo autor do vídeo é cínica.

Posteriormente, a circulação de rumores ocorreu pelos comentários em postagens do jornal *online* no *Facebook*, quem comentava fazia seus palpites em tempo real para buscar explicações ou justificar a ocorrência dos homicídios. A grande maioria

⁶⁸ Ver em anexo 3, imagem 1.

⁶⁹ Trecho da música reproduzida neste vídeo:

“Se eu fecho os olhos, minha mente desenha você

Tapo os ouvidos, mas consigo escutar sua voz

Só de pensar que nunca mais eu vou te ver

Dói, dói, dói

Que mundo é esse tão cruel que a gente vive?

A covardia superando a pureza

O inimigo usa forças que oprimem, oprimemÉ, vai na paz, irmão, fica com Deus

Eu sei que um dia eu vou te encontrar

Valeu menor, espera eu chegar

Valeu menor, espera eu chegar”

Música “Que Mundo É Esse Tão Cruel” de Kevin o Chris e MC Cajá. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Hh6y2kA7s7g>>. Acesso em 12 de dez. de 2019.

⁷⁰ Ver, por exemplo, “talarico e pau no gato”. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=nQW2D_Fffkg>. e “Lá vem fardinha indústria só monstro”.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YOi9XBCpNsU>>. Acesso em 12 de dez. de 2019.

Ambas as músicas são do grupo de *rap* araguarino Artigo Não Identificado.

dos rumores flutuaram na justificativa de dívidas com o “mundo do crime”, como é possível observar no mapeamento de reportagens sobre homicídios, durante os anos de 2019 e 2018, do qual uma parte está disponível no quadro abaixo, em anexo 1. Sob essa justificativa, as mortes destes jovens supostamente marcados pelas dinâmicas criminais estão no espectro de homicídios “aceitáveis”, são corpos matáveis,⁷¹ afinal, o cuidado da própria vida está sob a responsabilidade do indivíduo, que optou pela vida criminal mesmo sabendo suas prováveis consequências.

A repercussão das vitimizações pela mídia e, mais ainda, pelos rumores em torno de seu acontecimento, geram a experiência social do sofrimento no cotidiano local.⁷² No próximo tópico será apresentado como tem sido feita a descrição dos homicídios da cidade, qual ideia de sofrimento é experienciada no plano coletivo e como essas imagens de sofrimento têm sido tratadas midiaticamente. Também, como a criação e circulação das imagens de violência possibilitam a solidariedade social com o luto, por exemplo pelos comentários de condolências, ao mesmo tempo que permite que as pessoas continuem a viver suas vidas normalmente, inclusive comentando em busca de mais informações sobre as vítimas.

GRUPOS DE JUSTIÇAMENTO E A BANALIDADE DO MAL

Hannah Arendt se debruça sobre as questões que envolvem a moralidade ao acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann. Eichmann era encarregado de organizar as rotas dos trens que seguiam para os campos de extermínio nazistas. A filósofa política foi convidada pela revista americana *New Yorker*, em 1962, para fazer a cobertura do julgamento, que posteriormente deu origem ao seu livro *Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal*. A partir da constatação de que há um duplo desmoronamento da moralidade (desmoronamento moral enquanto *mores* e desmoronamento ético enquanto *ethos*), Arendt (1999) questiona se o pensamento humano realmente sempre visa evitar o mal. Nesse sentido, por se tratar de uma concepção da moral dos tempos de crise, desmoronamento das certezas e princípios de ação, a moralidade será tomada pela autora em sentido contrário à concepção da maior

⁷¹ Utilizo o termo “corpos matáveis” no sentido proposto por Judith Butler (2018), ao realizar uma reflexão a partir da análise da guerra dos EUA contra o Iraque, e perceber como ontologia, normatividade e humanidade ativam a preservação de determinados tipos de vida, em detrimento de outras.

⁷² Para um estudo aprofundado sobre o sofrimento enquanto experiência coletiva, ver o livro *Social Suffering*, organizado por Arthur Kleinman, Veena Das e Margaret Lock (1997).

parte dos filósofos, como uma relação do sujeito com os outros sujeitos, e não do sujeito consigo.

O caso de Adolf Eichmann exigiu julgamento pois, embora ele fizesse parte de uma estrutura que o ultrapassa, não é possível julgar sistemas, regimes ou ideologias, assim, a lógica de justiça pressupõe que se julgue pessoas e seus respectivos atos. Israel, estado com grande parte de seus residentes sendo vítimas do holocausto, ficou com a tarefa de julgar e condenar o nazista. Apesar de Adolf Eichmann ter sido chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler, o que era um alto cargo do Terceiro Reich, Arendt (1999) o descreve como um ninguém, um indivíduo incapaz de pensar. A incapacidade de pensar deve-se à recusa de se perceber como um sujeito que age, toma decisões e faz julgamentos sobre o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, e não a um problema cognitivo. É nessa perspectiva que a autora situa seu argumento sobre a banalidade do mal: o mal que Eichmann praticou ao participar da maquinaria nazista, levando milhões de pessoas para morrer nas câmaras de gás, não era um mal por convicção, mas sim um mal banal, ocasionado pela banalidade de ter assumido aquela função e a ter executado como um trabalho.

Em Araguari, quase que imediatamente após um homicídio, a equipe do jornal se dirige ao local, onde o apresentador faz uma *live*⁷³ narrando o crime. Na maioria das vezes é possível observar o corpo da vítima inerte ao fundo.⁷⁴ A equipe do jornal costuma chegar ao local do crime antes do corpo de bombeiros e da polícia, a quem ficam esperando para a coleta de mais informações da vítima e sobre o caso. Para manter a audiência, nesse meio tempo, o apresentador narra as descobertas do caso em tempo real, para as pessoas que estão ansiosas nos comentários. Assim, revela-se o nome e sobrenome, a idade e o local onde a vítima residia, quando possível, também colocam uma foto coletada das redes sociais para ilustrar. Durante o tempo da *live*, que pode variar de vinte minutos a mais de uma hora, o apresentador traça hipóteses e levanta rumores acerca do homicídio, buscando justificativas. Após a chegada da polícia, do corpo de bombeiros, de familiares e curiosos, o jornalista tenta realizar um breve levantamento de rumores e finaliza a reportagem, afinal, o corpo foi levado e não há mais o que fazer no local. Próximo homicídio, o ciclo se repete. Tanto o jornalista quanto

⁷³ Transmissão de vídeo ao vivo, neste caso, realizada na rede social *Facebook*.

⁷⁴ Ver abaixo em anexo 2, imagem 2.

os espectadores aguardam o próximo homicídio que virá a acontecer no “faroeste Araguari”.⁷⁵

O mal banal decorre da ausência de pensamento, da incapacidade de se colocar no lugar do outro, da renúncia individual da capacidade humana de realizar o julgamento moral. No caso de Adolf Eichmann, a ausência deste julgamento ocasiona na privação de responsabilidade, dado que o praticante do mal se movimenta a partir de uma lógica externa, não vendo responsabilidade individual nos atos praticados, visto que é apenas mais uma engrenagem do mecanismo. Transportando esta análise para o caso do jornal *online*, pode-se relacionar com a função desempenhada pelo apresentador que, apesar de pegar seu microfone e junto ao operador de câmera se dirigirem ao local onde há poucos minutos ocorreu um homicídio, ele continua simplesmente desempenhando seu trabalho. O jornalista não tem nenhuma responsabilidade na ocorrência dos homicídios ou no fato de terem espectadores para acompanhar essas desgraças ao vivo, mas, uma vez que já ocorrem, ele está ali para cumprir o papel de quem leva informação à população, sendo apenas um dos ofícios dentro do jornal *online*.

Quem comete os assassinatos também se insere na lógica do mal banal, partindo da premissa do que é certo ou errado de acordo com os valores do universo criminal, e não da questão moral de existência do sujeito com outros sujeitos. A banalidade do mal também é expressa na atitude de propagandear as imagens, seja por parte do jornal hospedado no *Facebook*, que as produz, seja por meio do compartilhamento massivo e voluntário dos cidadãos araguarinos, tanto como publicações na rede social *Facebook* como os vídeos de ameaças de homicídios, compartilhados em grupos da rede social de mensagens instantâneas *WhatsApp*.

⁷⁵ Durante a realização do mapeamento das reportagens do jornal *online*, o termo “faroeste Araguari” era um dos mais utilizados nos comentários, fazendo referência ao grande número de crimes de sangue cometidos na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa empreendida neste trabalho buscou desvelar em quais contextos políticos, civilizatórios, territoriais e de gestão de conflitos essas duas configurações criminais emergem. O segundo caso analisado, com a ausência de formas de mediação para os conflitos interpessoais da cidade e, justamente por isso, abrindo espaço para a presença de grupos compostos por indivíduos que realizam justiçamentos, é comparado com o primeiro caso observado, onde há a gestão dos conflitos interpessoais baseada nas normas de conduta do Primeiro Comando da Capital, assim como a sua mediação civilizacional.

Os estudos realizados na capital mineira, Belo Horizonte, acerca de sua configuração criminal composta por *gangues*, fornecem para este trabalho uma importante relação de comparação pois, como visto, no contexto criminal araguarino há um quadro recorrente de crimes de sangue entre membros do universo criminal, também tendo como motivação a irregularidade de condutas no “mundo do crime” e a manutenção do proceder de seus integrantes. Na capital mineira, as *gangues* são compostas por grupos de jovens, com uma forte ligação com a questão territorial, dispondo de valores que ultrapassam gerações. Já em Araguari, como foi descrito nos tópicos acima, a questão motivadora dos justiçamentos é mais fluída, apesar de terem casos de retaliações violentas e cadeias de vendeta, não é a única ou a questão principal, como pode ser verificado no mapeamento abaixo, em anexo 1.

Não é possível estabelecer entendimentos totalizantes sobre a organização e a atuação do Primeiro Comando da Capital, porque este trabalho parte da premissa de que não há visão total ou “verdadeira” a ser apreendida sobre a facção. Nessa lógica, este trabalho se empenhou em coletar, a partir de várias fontes, suas recentes formas de atuação no interior mineiro, sobretudo em Uberlândia. Para posteriormente, tendo o caso de Araguari bem estudado e com rumores coletados, investigar como é possível que dinâmicas criminais tão díspares convivam em cidades tão próximas, separadas por apenas 30km de distância.

Visto que, se o Comando estivesse estabelecido um processo civilizador e produzido uma pacificação social de forma hegemônica em Uberlândia, por que não chegaria a Araguari? Ou então, essa configuração de homicídios no contexto araguarino seria uma era pré-PCC? As questões aqui levantadas, ainda que sejam mais perguntas do

que respostas, fornecem um quadro comparativo entre duas dinâmicas criminais distintas, tendo como objetivo contribuir para a compreensão dos diversos arranjos possíveis no universo criminal do estado de Minas Gerais, especialmente do Triângulo Mineiro.

ANEXOS

Anexo 1: Mapeamento das reportagens sobre homicídios no jornal *online* WebTV Araguari.

| HOMICÍDIO | DESCRIÇÃO DA REPORTAGEM | RUMOR | SÍNTESE DE COMENTÁRIOS |
|---|--|---|--|
| Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 28 anos. | 27/08/2019 <i>Live</i> de 1h no local do homicídio, filmando as marcas de sangue no chão, enquanto o jornalista relata que está mostrando as “marcas da violência”. Ao fundo, exibe a irmã da vítima correndo em direção ao corpo. <i>Post</i> com foto da vítima. | Dívida com o tráfico. | “quem morreu?” “Qual o nome?” “Uma cidade tão pequena, mas que assusta e causa temor pela criminalidade” “De novo? Misericórdia” “Aqui em Araguari tá fácil matar porque ninguém vai preso credo” |
| Homicídio consumado. Homem, 33 anos. | 27/08/2019 <i>Live</i> em frente ao Presídio de Araguari. | Suicídio. (Confirmado pelo IML no dia seguinte) | “É triste mais esse é o mundo de quem anda errado mais um cpf cancelado” |
| Homicídio consumado. Homem golpeado a pauladas e facadas, 52 anos. | 21/08/2019 <i>Post</i> com foto da vítima. <i>Live</i> de manhã no local do homicídio, que ocorreu durante a madrugada. Mostra o sangue em um portão perto do local do ocorrido, o chinelo da vítima deixado no local e refaz os passos da vítima, invadindo o barraco onde residia, mostrando a porta quebrada, e as marcas de sangue no colchão e travesseiro da vítima. | Dívida com tráfico. Latrocínio (segundo o jornalista, suspeita-se que ele tinha quatro mil reais e foi roubado). | Os comentários giram em torno de agradecer o repórter pelo trabalho desempenhado, levando informação à população Araguari. No geral, os comentários não dão importância às imagens de violência e à narrativa cruel. |
| Tentativa de homicídio. | 19/08/2019 Vídeo de câmera de | Dívida com tráfico. | “infelizmente todos os dias asnoticias em |

| | | | |
|---|--|--|--|
| <p>Homem agredido por pauladas e pedradas, 22 anos.</p> | <p>segurança mostra claramente o espancamento, que resulta em massa encefálica da vítima exposta. <i>Post</i> com imagem do pedaço de madeira manchado de sangue, que foi utilizado durante a agressão.</p> | | <p><i>Araguari são de extrema violência! Ainda me lembro de no passado notícias assim chocarem todos hoje em dia infelizmente se tornou normal! Oro para que um dia possa ser diferente!"</i></p> <p><i>"Misericórdia"</i></p> |
| <p>Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 20 anos.</p> | <p>18/08/2019 <i>Live</i> com mais de 1h de duração em frente à barbearia, local onde a vítima foi alvejada durante corte de cabelo. A <i>live</i> mostra inúmeras pessoas ao redor do local, as manchas de sangue da vítima, seu corpo inerte e a ação do SAMU.</p> | <p>Envolvimento com o crime.</p> | <p><i>"Araguari pede paz"</i></p> <p><i>"Não tem q filmar a vítima não.tem q respeitar a família ."</i></p> |
| <p>Homicídio consumado. Homem golpeado por pedradas, não revela a idade.</p> | <p>10/08/2019 <i>Live</i> no local onde ocorreu o assassinato. A vítima é um andarilho morto enquanto dormia. Os autores supostamente deixaram escrituras encontradas no chão, ao lado da vítima: <i>"Curinga coleí aqui 7:30 nosso combinado 1533 não passa nada amanhã 12h colo aqui se você não aparece vou entrar"</i></p> | <p>Envolvimento com PCC, de acordo com a sigla 1533 no chão.</p> | <p><i>"o crime nn ta com nada"</i></p> <p><i>"Menos um cpf na faroeste Arguari"</i></p> |
| <p>Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 22 anos.</p> | <p>30/07/2019 <i>Post</i> com fotos do local: 1ª foto: rua durante a manhã, com carro da PM e vários moradores</p> | <p>Crime passional. Talaricagem.</p> | <p><i>"Rerygueri tava um sossego e agora começou de novo a violência"</i></p> |

| | | | |
|---|---|---|--|
| | <p>em volta da cena do crime.</p> <p>2ª foto: pano branco do SAMU por cima do corpo da vítima na calçada.</p> | | |
| <p>Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 28 anos.</p> | <p>02/06/2019 <i>Post</i> com foto “<i>selfie</i>” da vítima e foto da rua onde a vítima foi baleada, com texto ressaltando o rumor de que a vítima era “talarico”, tentando estabelecer uma relação com o rumor e os tiros no rosto.</p> | <p>Crime passional. Talaricagem.</p> | <p>Nessa mesma noite, houve três homicídios na cidade, justamente por isso os comentários deste <i>post</i> giram em torno da busca e compartilhamento de informações dos bairros onde aconteceram os outros homicídios.</p> |
| <p>Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 18 anos.</p> | <p>26/05/2019 <i>Post</i> com foto “<i>selfie</i>” da vítima e fotos de uma lona preta, onde estava seu corpo. <i>Live</i> em frente ao local do homicídio, residência que estava tendo uma confraternização familiar, quando entraram quatro homens encapuzados e realizaram os disparos.</p> | <p>Vingança como retaliação por realizar outro assassinato.</p> | <p>“<i>a guerra n vai parar</i>”</p> <p>“<i>A polícia está focada em fazer blitz atingindo trabalhador bandido mesmo não controla</i>”</p> |
| <p>Homicídio consumado. Homem alvejado por disparos de arma de fogo, 54 anos.</p> | <p>11/03/2019 <i>Post</i> breve com foto da vítima, informando gratuitamente que tinha antecedentes criminais por envolvimento com drogas.</p> | <p>Envolvimento com tráfico.</p> | <p>“<i>Sem maldade o barba não merece essa crocodilagem o mano só porque tem passagem não julga nada melhoras parca</i>”</p> |

Anexo 2: *Printscreens* das postagens realizadas na rede social *Facebook* pela página jornalística *WebTV Araguari*.



Imagem 1: Foto de capa do jornal *online*, contendo as redes sociais e o número para que a equipe do jornal possa vir a ser acionada.



Imagem 2: *Post* reportagem de homicídio ocorrido na manhã de 27/08/2019.

Anexo 3: *Printscreens* dos vídeos veiculados no aplicativo *WhatsApp*.

0:01  -1:20



Imagem 1: *Prinscreen* de vídeo circulado no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, titulado “Os Pilantra De Araguari”.

0:01  -1:47



Imagem 2: *Printscreen* de vídeo circulado no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, titulado “video aos futuros finados de araguari”.

1:40 ————— -0:08

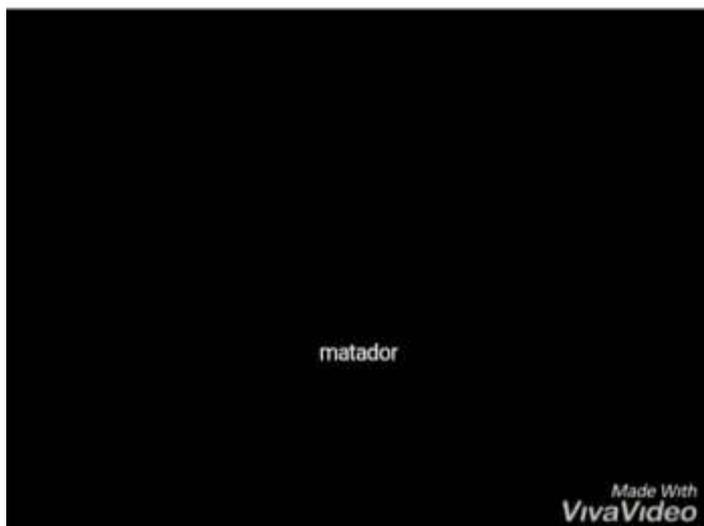


Imagem 3: O vídeo titulado “video aos futuros finados de araguari” foi assinado por “matador”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **O habitus e o nada**. Revista FAMECOS, nº 17. Porto Alegre, 2002.
- BEATO F., Claudio C.. **Determinantes da criminalidade em Minas Gerais**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 13, n. 37, p. 74-87, São Paulo, 1998.
- BEATO, Cláudio et al., **Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999**. Cadernos de Saúde Pública, 17, Rio de Janeiro, 2001.
- BIONDI, Karina. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2010.
- BIONDI, Karina. **Proibido roubar na quebrada: Território, Hierarquia e Lei no PCC**. Editora Terceiro Nome/Latin American Studies Association, 2018.
- BONESSO, Márcio. **Prevenção à criminalidade: Arte e esporte na segurança pública de Minas Gerais**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.
- BORDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.
- BROWN, Mano. **Um sobrevivente no inferno**. Le Monde Diplomatique, Edição-126 [Online], 2018.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAROS AMIGOS. (2006), PCC. São Paulo, Casa Amarela.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2019**: Ipea e FBSP. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Número, p. 1-116, 2019.
- DAS, Veena. **Sujetos del dolor, agentes de dignidad**. ed. Francisco Ortega. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas : Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá: Instituto Pensar, Lecturas CES, 2008.
- DIFRUSCIA, Kim Turcot. **Listening to Voices: An Interview with Veena Das**. Altérités, vol. 7, no 1, p. 136-145, 2010.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAHEL, Murilo C. X; LEITE, Guilherme P.; TELES, Leticia R. **Pobreza Multidimensional no estado de Minas Gerais**: uma mensuração para além da renda. Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação. Brasília, n. 8, 2014.

FELTRAN, Gabriel. **The management of violence on the São Paulo periphery: the repertoire of normative apparatus in the PCC era**. Vibrant, v. 7, nº 2, p. 109- 134. Brasília/ABA, 2010.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FELTRAN, Gabriel. **Governo que produz crime, crime que produz governo**: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011). Revista Brasileira de Segurança Pública, Paulo v. 6, n. 2, 232-255 Ago/Set 2012.

FELTRAN, Gabriel. **O valor dos pobres**: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. Salvador: Caderno CRH, v. 27, n. 72, 2014

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos**: Uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

GOFFMAN, E. Estigma: **Notas sobre a manipulação da identidade**. Rio de Janeiro: LTC, 1ª ed., 1963.

KLEINMAN, Arthur; LOCK, Margareth; DAS, Veena. **Social Suffering**. University of California Press, 1997.

MANSO, BRUNO. **O Homem X**: uma reportagem sobre a alma do assassino de São Paulo. São Paulo: Record, 2005.

MANSO, Bruno; DIAS, Camila. **A guerra: A Ascensão do PCC e o Mundo do Crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. N-1 edições, 2018.

MENEZES, Palloma. **Os rumores da ‘pacificação’: A chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 7 – nº 4, p. 665-684, 2014.

OLIVEIRA, Victor N.; BASTOS, Luiza M.; RIBEIRO, Ludmila M. L.. **“Pavilhões do Primeiro Comando da Capital – PCC”**: ramificação e expansão da organização criminosa em Minas Gerais? In.: Congresso Brasileiro de Sociologia, 18, 2017, Brasília. Brasília: 2017.

ROCHA, Rafael L. S. **A guerra como forma de relação: Uma análise das rivalidades violentas entre gangues em um aglomerado de Belo Horizonte**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 8, nº 2 - p. 277-301, 2015.

SANTOS, Márcia; RAMIRES, Julio. **Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia-MG**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (1): 131-145, ABR. 2009.

SANTOS, Márcia A. **Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de Uberlândia – MG**. Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia, 2012.

SILVA, Uvanderson. **Periferia(s): da renovação democrática ao Estado de Exceção**. Trabalho publicado em anais de congresso. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, Brasília: 2017.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo (Estado de sítio), 2012.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Editora UNB: Brasília, 1999.

ZALUAR, Alba. **Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil**. In: SCWARCZ, Lilian Moritz (org.). História da Vida Privada no Brasil, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZILLI, Luís Felipe. **O “mundo do crime” e a “lei da favela”**: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. Etnográfica [online], vol. 19 (3), 2015.